FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA

CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

PROJETO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

VICTOR GUEDES VIDAL

CACO BARCELLOS E O LIVRO-REPORTAGEM: ANÁLISE COMPARADA DOS PERSONAGENS PRINCIPAIS NAS OBRAS “ROTA 66” E “ABUSADO”

VOLTA REDONDA

2024

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA

CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

PROJETO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CACO BARCELLOS E O LIVRO-REPORTAGEM: ANÁLISE COMPARADA DOS PERSONAGENS PRINCIPAIS NAS OBRAS “ROTA 66” E “ABUSADO”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de jornalismo do UniFOA como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Aluno: Victor Guedes Vidal

Orientador: Prof. Dr. Rogério Martins de Souza

VOLTA REDONDA

2024

FOA Fundação Oswaldo Aranha

UniFOA Centro Universitário de Volta Redonda

FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Caco Barcellos e o livro-reportagem: análise comparada dos personagens principais nas obras "Rota 66" e "Abusado", elaborado por Victor Guedes Vidal, apresentado publicamente perante a Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para conclusão do Curso de Jornalismo.

Aprovado em 13 de novembro de 2024.

Banca Avaliadora:

Professor(a) orientador(a) - Rogério Martins de Souza, Doutor, UniFOA

Professor(a) avaliador(a) - Douglas Baltazar Gonçalves, UniFOA

Professor(a) avaliador(a) - Heitor da Luz Silva, UniFOA

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares por me apoiarem durante a produção do trabalho; aos meus professores do curso de jornalismo, e em especial, ao meu orientador Rogério Martins, por me ajudar e orientar na pesquisa.

RESUMO

“Rota 66” (1993) e “Abusado” (2003) são livros-reportagens escritos pelo jornalista Caco Barcellos, que foram os objetos de estudo desse trabalho. O livro-reportagem é a obra na qual o jornalista pode aprofundar mais a apuração, indo além das perguntas do *lead*, abordar mais questões na construção dos personagens, além de uma maior flexibilidade em relação ao tempo para produzi-la, principalmente tendo em comparação o tempo para a produção de notícias no jornalismo diário. Com isso, o foco principal dessa pesquisa trata da forma com que Caco utilizou os personagens para relacioná-los com questões da sociedade brasileira. Partiu-se da hipótese de que os personagens refletem questões sobre o Brasil atual, como: violência policial, injustiça social e a guerra urbana nas favelas. O trabalho buscou dissecar os personagens, identificando os métodos de escrita de Caco Barcellos. O método adotado foi de comparar quatro personagens das obras já citadas, dois de cada livro. A pesquisa tomou por base para a análise autores e estudiosos de jornalismo literário e obras afins, a fim de apresentar as características do subgênero. Como resultado, a produção demonstrou que o autor constrói seus personagens com a finalidade de, através deles, discutir e apresentar questões da realidade brasileira e representar partes da população envolvidas nessas questões, mesclando técnicas da literatura e do jornalismo para isso.

Palavras-chave: Rota 66. Abusado. Livros-reportagens. Personagens. Jornalismo literário.

ABSTRACT

"Rota 66" (1993) and "Abusado" (2003) are book-report written by journalist Caco Barcellos, which served as the subjects of this study. The book-report is a format that allows the journalist to delve deeper into investigation, going beyond the basic lead questions, addressing more issues in character construction, and offering greater flexibility in terms of time for production, especially when compared to the time constraints of daily news journalism. Thus, the primary focus of this research is on how Caco uses characters to relate them to issues within Brazilian society. The hypothesis was that the characters reflect current issues in Brazil, such as police violence, social injustice, and urban warfare in the favelas. This study sought to dissect the characters, identifying Caco Barcellos' writing methods. The adopted methodology involved comparing four characters from the aforementioned works, two from each book. The research relied on authors and scholars of literary journalism and related works as the basis for analysis to present the characteristics of this subgenre. As a result, the study demonstrated that the author constructs his characters with the purpose of discussing and presenting aspects of Brazilian reality through them, representing segments of the population involved in these issues, while blending literary and journalistic techniques to achieve this.

Keywords: Rota 66. Abusado. Book-report. Characters. Literary journalism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....08

2 JORNALISMO E LITERATURA.....11

2.1 - Jornalismo, narrativa e literatura.....11

2.2 - Jornalismo literário no Brasil.....15

2.3 - Jornalismo literário como gênero.....19

3 O LIVRO-REPORTAGEM E O JORNALISMO CONTEMPORÂNEO.....23

3.1- O livro e a reportagem no Brasil: exemplos.....23

3.2- O livro-reportagem no século XXI no Brasil.....27

3.3 - A escolha e construção dos personagens nos livro-reportagens.....30

4 "ROTA 66" E "ABUSADO": ANÁLISE DOS PERSONAGENS NAS OBRAS DE CACO BARCELLOS.....34

4.1- Reportagens literárias de Caco Barcellos.....34

4.2- Análise dos personagens no livro "Rota 66" 36

4.2.1-Francisco Noronha.....36

4.2.2-Eli Nepomuceno.....41

4.3- Análise dos personagens no livro "Abusado" 44

4.3.1-Juliano VP.....44

4.3.2-Júlia Mandarino.....54

5 CONCLUSÃO.....61

6 REFERÊNCIAS.....63

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Lima (2004), o jornalismo literário pode ser definido como um conjunto de técnicas da literatura utilizadas para o fazer jornalístico, como a apuração, edição e a escrita, a fim de captar o "real". Um exemplo é a descrição de cenas em detalhes, visando a imersão do leitor e com foco no desenvolvimento dos personagens.

Pena (2006) discorre que os conceitos do gênero, tem como fundamento negar e superar os conceitos bases do jornalismo convencional, como o *lead* e a objetividade. Além, dos textos de jornalismo literário terem uma maior liberdade de escrita e um tempo maior para ser feito.

Portanto, o gênero não está ligado ao imediatismo do jornalismo diário, possuindo um maior uso da subjetividade, mas sempre retratando a realidade. "O relato jornalístico sempre tem contornos ficcionais: ao causar a impressão de que o acontecimento está se desenvolvendo no momento da leitura, valoriza-se o instante em que se vive, criando a aparência do acontecer em curso, isto é, uma ficção" (SATO, 2002, p. 31).

A versão em que o jornalismo literário mais aparece é nos livros-reportagens. Lima (2004) aponta que o livro-reportagem é fruto da inquietude do jornalista que procura algo para escrever com profundidade, porém não consegue no espaço de trabalho na imprensa cotidiana. Então, para isso o livro-reportagem é uma saída do jornalismo diário, podendo ter mais tempo para escrever com a profundidade que o jornalista quer e de maneira que prenda o leitor.

Os livros-reportagens usados nessa pesquisa são o "Rota 66: A história da polícia que mata" (1993), que conta a história de crimes envolvendo os policiais da Rota (Rotas Ostensivas Tobias Aguiar), batalhão de choque de São Paulo, retratando a violência policial. E o outro é "Abusado: Dono do moro Dona Marta" (2003), que narra a história de Juliano VP, personagem que representa Marcinho VP, e a vida na favela com as guerras de poder do tráfico.

A produção partiu da hipótese de que as representações de personagens nas obras "Rota 66" e "Abusado" servem para tratar de temas complexos da

sociedade brasileira, como a violência policial, injustiça social e a vida em uma comunidade. Com isso, o autor aponta estes temas através de seus personagens e busca refletir o contexto social em que eles estão inseridos.

A questão principal da pesquisa trata sobre o que os personagens “falam” sobre a realidade brasileira e como o contexto social transformou suas personalidades.

O trabalho tem como objetivo principal a comparação dos personagens dos dois livros citados anteriormente. Dissecar cada um deles e apresentar os artifícios literários e as técnicas jornalísticas que o autor usou para construí-los. Além, de entender sobre o que a literatura pode agregar em um livro-reportagem.

A revisão bibliográfica utilizada se deu através de artigos e livros de autores sobre os temas relacionados, buscando um maior embasamento teórico. Os personagens serão analisados de acordo com sua função na história, seu contexto social e econômico e como isso o influencia, além de ressaltar as técnicas da literatura e do jornalismo convencional que o autor usou para criar os personagens. Sendo quatro personagens ao todo: Franciso Noronha e Eli Nepomuceno, ambos de “Rota 66”, Juliano VP e Júlia Mandarino, ambos de “Abusado”.

No primeiro capítulo, será abordado o histórico do jornalismo literário. Indo de seu “nascimento” com os primeiros relatos do gênero, passando pela Idade Média, o início do século XX, as décadas de 1950, 1960 e 1970, anos do auge do movimento “Novo Jornalismo”, corrente que alçou o jornalismo literário a um reconhecimento. Por fim, são apresentados os jornalistas literários brasileiros e suas obras, além de apresentar definições e características sobre o modelo.

No segundo capítulo, serão apresentadas mais características do livro-reportagem como forma, seus fundamentos e objetivos. Haverá também uma descrição de suas diversas classificações, quanto ao gênero, conteúdos e funções. Aborda também várias obras e autores da categoria. O mercado brasileiro atual da categoria de livros-reportagens e, finalizando, com a criação de personagens no jornalismo e suas funções.

O terceiro capítulo trará um breve histórico da carreira de Caco Barcellos, conhecendo seus outros livros e por onde ele trabalhou, além de uma sinopse

sobre os livros que serão analisados. Por fim, a análise dos personagens, seguindo a ordem de lançamentos dos livros, ou seja, começa com os personagens de “Rota 66” e, posteriormente, os personagens de “Abusado”.

As obras de Caco Barcellos vêm sendo objetos de estudos e análises ao longo dos anos, com destaque para as pesquisas voltadas ao campo do jornalismo investigativo e muito pouco além disso. Portanto, essa pesquisa se valida por tentar buscar uma outra perspectiva de um jornalista já muito conhecido. A pesquisa analisou a escrita de Caco Barcellos, suas influências e escolhas de temas e personagens, permitindo enxergar os livros não só dentro da ótica do jornalismo investigativo, mas também para o campo do jornalismo literário.

2 JORNALISMO E LITERATURA

Este primeiro capítulo da pesquisa trará, primeiramente, explicações sobre o jornalismo literário e suas características, como estilo narrativo, principais autores e as diferenças com relação a outros gêneros do jornalismo. A pesquisa ressalta suas especificidades, além de apontar a fronteira entre a literatura com o jornalismo.

2.1 Jornalismo, narrativa e literatura

Ainda não se tem um período exato em que se pode falar quando teria surgido o jornalismo literário. Diferentes pesquisadores apontam cada um para um período diferente da história. Lima (2010) aponta a criação do termo na década de 30 do século XX, nos Estados Unidos. Castro (2010) recua bastante no tempo e acredita que teria sido no Egito Antigo, com os textos sobre atividades do governo nas *actas, epigramas, álbuns*, sendo usado para divulgar informações para a população. "O fato de passar notícias de forma literária remonta aos egípcios, como o papiro de Sinue, escriba que contava a sua vida e a do reinado de Sesostris III" (1878-1841 a.C) (CASTRO, 2005, p.10). Pena (2006) aponta o Império Romano por volta do ano 70 antes de Cristo, com as *Actas Diurnas* usadas para transmitir informações do governo romano, as quais eram colocadas em praças públicas para a população.

> O jornalismo nasceu no mundo da literatura, mesmo que os antigos não tivessem noção de que faziam jornalismo. As primeiras produções jornalísticas, em seus primórdios, estabeleceram-se sobre alicerces textuais literários. Não eram matérias ou reportagens como as que conhecemos hoje, evidentemente, mas actas, epigramas, editos, tanto na Grécia quanto em Roma, serviam para pulverizar informações (DOMINGUEZ, 2012, p. 49).

Na Idade Média, nos séculos XV e XVI, para Castro (2010), a invenção do jornalismo literário confunde-se com a invenção da imprensa e o início de jornais literários na Europa. As crônicas[1] ganham força nos jornais, devido à linguagem mais coloquial, algo que aumentou as vendas dos exemplares para

[1] Método de narração contando uma história em ordem cronológica, podendo ser algo mais extenso ou algum assunto do cotidiano.

a população. Um destaque desse período é Antônio Pigaffeta e o seu livro-reportagem “Primeira viagem ao redor do mundo” que narra a história da primeira viagem de circunavegação ao redor do mundo do navegador Fernão de Magalhães. Nesse período surgiram os primeiros jornais literários, como o francês *Journal des savants* em torno de 1665, o jornal britânico *Philosofical Transitions* e em Roma *Giornale de letterati* (CASTRO,2010).

Contudo, uma das versões mais comuns entre pesquisadores, referenciada como o início do jornalismo literário, aponta o século XVIII para seu surgimento, devido ao uso da máquina de impressão para produzir os jornais, agora com periodicidade, a publicidade, atualidade e universalidade[2]. Por consequência, o avanço da tecnologia teria propiciado o jornalismo literário, embora esse termo não tenha sido usado na época para designar esse estilo de narrativa.

Marcondes Filho (2000) cria um quadro evolutivo com cinco épocas diferentes que transformaram o jornalismo, e em especial para essa pesquisa duas épocas com grande influência para o desenvolvimento do jornalismo literário.

Segundo o autor (2000, p. 11), há o Primeiro Jornalismo, que estaria no período de 1789 a 1830. Esta primeira fase é marcada pelo conteúdo literário, político, textos críticos, com jornais comandados por grandes escritores, intelectuais e políticos. E o Segundo Jornalismo (2000, p. 13), se enquadra no período entre 1830 a 1900, marcada pela imprensa de massa e pelo início da profissionalização do jornalista.

Essas duas épocas do jornalismo se dão nos séculos XVIII e XIX, momento em que grandes escritores entraram nas redações ditando novos modos de escrever reportagens. Essa convergência deu origem ao folhetim, marca da junção entre literatura e jornalismo, muito usada pelos autores para divulgar suas histórias, visto o aumento do jornal entre as massas. De acordo com Pena (2008), o folhetim era muito importante para as vendas de edições de jornais, pois “como as histórias eram publicadas em fascículos, no final de cada

[2] Segundo o autor destas 4 leis da imprensa, o alemão Otto Groth (1972).

capítulo existia sempre um acontecimento dramático, que só seria resolvido na edição seguinte do jornal, garantindo assim a próxima compra do leitor".

O surgimento do folhetim se deu no jornal *Le Presse* na França em 1836. O folhetim situava-se no rodapé do jornal e abrigava assuntos diversos, mas num primeiro momento ainda não se tratava de jornalismo literário. Por exemplo, o folhetim no *Journal Des Debáts,* era usado para assuntos diversos sem nenhuma relação com literatura. Nos anos de 1830 e 1840, que o folhetim foi ganhando novas características as quais serviram para publicar narrativas literárias. A mudança resultou em um aumento no número de vendas e a diminuição dos preços dos jornais e, por consequência, aumentos dos leitores. Então, o folhetim deu ao jornalismo literário características populares, ajudando a impulsionar este fenômeno na França e na Grã-Bretanha (PENA, 2006).

Como dito anteriormente, grandes autores iriam para as redações dos jornais e revistas, visto que o jornalismo estava se mostrando uma área onde a literatura poderia ganhar outros aspectos. Esses autores ajudaram a desenvolver o jornalismo literário incrementando ao gênero características políticas e sociais.

> Num primeiro movimento, o jornalismo bebe na fonte da literatura. Num segundo, é esta que descobre, no jornalismo, fonte para reciclar sua prática, enriquecendo-a com uma variante bifurcada em duas possibilidades: a de representação do real efetivo, uma espécie de reportagem – com sabor literário – dos episódios sociais, e a incorporação do estilo de expressão escrita que vai aos poucos diferenciando o jornalismo, com suas marcas distintas de precisão, clareza, simplicidade (LIMA, 2004, p. 178).

Honoré Balzac foi um grande nome para o desenvolvimento do jornalismo literário, escrevendo seus contos e novelas em jornais franceses da época. "Sabe-se que as suas novelas aumentaram inclusive a venda de jornais, pois os leitores, ávidos pelas histórias ali desenvolvidas, queriam acompanhar o desenrolar dos episódios, edição a edição" (CASTRO, 2010, p. 17). Balzac buscava retratar a burguesia de sua época com tom de sátira, indo ao encontro ao jornalismo literário da época.

Outro exemplo é o escritor e autor russo Fiodor Dostoievski, sendo editor de revistas literárias como "O Tempo" e "A Época". A imprensa nesse momento

era um local com boa abertura para intelectuais trabalharem em seus textos. UM exemplo é o sucesso da revista “O Tempo” em grande parte por Dostoievski ser também um editor que escolhia atentamente o que publicar.

> Para tentar manter “O Tempo” como uma revista mensal, o escritor russo tenta impor a ela uma linha de editorial de independência, por isso se torna um editor centralizador, selecionando atentamente o que publicar, se encarregando de escrever artigos, folhetins, introduções a textos traduzidos e "notas do editor", nas quais complementava os conteúdos de seus colaboradores (CASTRO, 2010, p. 19).

No século XVII, na Inglaterra, havia Charles Dickens como o grande nome do jornalismo literário. O seu envolvimento com a imprensa aconteceu primeiramente através da crônica, no jornal britânico *Morning Chronicle*, além de também escrever histórias para revistas falando sobre os cidadãos de Londres, já demostrando características do jornalismo literário como o realismo social. Posteriormente, ele iria trabalhar no *Daily News* fundando as revistas *Household Words*, em 1850 e *All The Year Round* em 1859 (CASTRO, 2010).

Outro nome que ajudou a formar as bases do jornalismo literário é o jornalista e escritor Mark Twain, nos Estados Unidos, conhecido por obras como: “As aventuras de Tom Sayer” (1876). No ramo jornalístico, ele atuou em jornais de São Francisco e em revistas, com a publicação de contos e crônicas. De acordo com Tom Wolfe, um dos expoentes do “Novo jornalismo”, os contos, novelas e relatos jornalísticos usando a linguagem coloquial de Mark Twain foram fundamentais para a base do “Novo jornalismo” (CASTRO, 2010).

“A objetividade pura e a secura estilística fazem parte de um conceito que os chamados novos jornalistas arrasaram nas décadas de 1950 e 1960 do século XX nos Estados Unidos” (FREITAS, 2002, p. 69). A corrente do *New Journalism*, era encabeçada pelos que seriam grandes expoentes do gênero: Tom Wolfe, Gay Talese, Hunter Thompson, Truman Capote, entre outros. O movimento foi criado por jornalistas que queriam mais liberdade na construção dos textos, indo além das regras básicas do lead e da pirâmide invertida, e viram no *New Journalism* uma forma de tornar essa ideia possível. “O *New Journalism* resgataria, para essa última metade do século XX, a tradição do jornalismo

literário e conduzi-lo-ia a uma cirurgia plástica renovadora sem precedentes" (LIMA,2004, p 192).

A produção de matérias características do jornalismo literário se deu através da divisão nas redações entre os jornalistas que cobriam o cotidiano, fazendo matérias 'quentes', ou seja, matérias com grande apelo na população devido ao fator da atualidade; e os que produziam matérias 'frias', aquelas que não tinham urgência para publicação. Os jornalistas encarregados das matérias frias "tinham um certo espaço livre para experimentar com o jornalismo literário" (LIMA, 2004).

Para Wolfe, a fonte que o jornalista literário deve seguir é o realismo social, uma forma de estar conectado à sociedade sabendo as suas mudanças e como passar estas impressões para o jornal. O gênero vai adentrando grandes redações nos Estados Unidos, como *Herald Tribune, Daily News*, além das revistas *The New Yorker e Esquire*, (LIMA, 2004, p 195).

O clímax para o reconhecimento desse modelo de jornalismo é o livro-reportagem "A sangue frio"[3], de Truman Capote, lançado em 1966, denominado pelo próprio autor como um "romance não-ficcional". A partir deste livro-reportagem, o Novo Jornalismo ganharia reconhecimento dos críticos literários e dos jornalistas: "Agora eram os escritores que buscavam o jornalismo e não mais o contrário. O novo jornalismo alcançava um *status* literário próprio, em 1969 já se constituiria num gênero que não poderia mais ser considerado inferior" (LIMA, 2004, p. 197).

2.2 Jornalismo literário no Brasil

Enquanto isso, no Brasil da virada do século XIX para XX o jornalismo também passava por transformações. Inversamente do aconteceu na Europa, com escritores já famosos indo para os jornais, no Brasil escritores que viriam a se tornar grandes autores (como Machado de Assis e José de Alencar) iniciaram suas carreiras em jornais.

[3] O livro conta a história da morte de uma família no interior dos Estados Unidos e de seus dois assassinos. A obra demorou seis anos para ficar pronta e foi lançada em quatro partes na revista "*The New Yorker"* sendo um sucesso de vendas.

> Estes dois movimentos, de ordem inversa, encontram-se unidos por um fator: o surgimento de uma indústria jornalística a reboque das inovações técnicas que permitiriam uma maior eficácia e o aumento do alcance dos jornais em relação a um público leitor que, se não era ainda numeroso – especialmente no caso brasileiro – por outro lado viria a constituir o embrião do que se poderia chamar de uma cultura de massa no Brasil, no rastro da era midiática que se iniciava em território francês (AVIGHI, 1987, p.11).

Machado de Assis escreveu a maioria de seus textos no jornal “Gazeta de Notícias” no período de 1882 e 1889; esteve também na coluna “Balas de Estalo” e, posteriormente na coluna “Bons Dias” entre 1888 e 1889. E na coluna “A Semana” no período de 1889 a 1897 (BRAYNER, 1992). Outro que se tornaria escritor após passar pelo jornalismo é José de Alencar que inicia sua carreira na seção “Ao correr da Pena” e com duas séries de folhetins sendo publicadas nos jornais “Correio Mercantil” e “Diário do Rio de Janeiro” por volta dos anos de 1854 1855. (AVIGHI, 1987).

A virada do século XIX para XX trouxe modernidades para o jornalismo. “É então que a narrativa jornalística, em reportagem, ensaia seus primeiros grandes passos de independência da literatura, sua busca de um caminho próprio, e desemboca em um livro” (LIMA, 2004, P. 211). Euclides da Cunha viria a ser um grande nome do jornalismo literário no Brasil daquela época, lançando em 1902 o livro “Os Sertões” no qual recontava os acontecimentos da Guerra de Canudos[4]. Ele cobriu essa guerra para o jornal “O Estado de São Paulo” em 1897. Diferente dos outros correspondentes, Euclides buscava conhecer a raiz histórica desse conflito trazendo visões diferentes de outros jornalistas que também participam da cobertura, demonstrando como o jornalista pode se aprofundar numa matéria fazendo com que se resulte em uma obra de fôlego (AVIGHI, 1987).

Na mesma época da corrente do Novo Jornalismo nos Estados Unidos, acontecia no Brasil o surgimento da revista “Realidade” e do “Jornal da Tarde”. Ambos ajudaram a difundir o jornalismo literário no Brasil (LIMA, 2004).

“Realidade” iniciou sua trajetória em 1966. Com publicação mensal e produzida pela Editora Abril, a revista faria muito sucesso entre os jornais e

[4] Aconteceu no sertão da Bahia nos anos de 1896 e 1897, em um embate entre o Exército brasileiro contra o beato Antônio Conselheiro e seus 20 mil seguidores.

revistas da época. “’Realidade” trazia também em seu escopo o propósito de retratar o povo brasileiro, desvelar e registrar mudanças de comportamento na sociedade” (MORAIS, 2011, p.24). A revista foi bastante influenciada pelo novo jornalismo, usando do realismo social para fazer matérias.

Lima (2004) enumera alguns fatores que levaram a revista a marcar época no jornalismo literário brasileiro. A primeira, sendo a universalidade temática: suas pautas constituem diversos assuntos, tendo pautas diferentes todo mês. “Realidade ajuda o leitor a descobrir o Brasil em suas múltiplas facetas nos diversos campos da atividade econômica, da produção artística, da existência social, do comportamento humano, da condição religiosa, da disputa política e da arena esportiva” (LIMA, 2004, p.225).

A segunda seria a transformação da atualidade em contemporaneidade. A revista buscava fazer matérias que fugissem ao fato do cotidiano, e buscando angulações para matérias de caráter de permanência, não indo de encontro ao fato isolado, mas o contexto para esse fato, sendo esse o modo de produção de matérias da revista. E a perenidade sendo uma característica do jornalismo literário segundo Pena (2006).

Mais um fator importante para o sucesso de Realidade seria o avanço em documentação em temas específicos. A revista ficou marcado pelos desníveis em relação ao tratamento de alguns temas, porém nas matérias sobre ciências, enquetes de opinião e em edições especiais, a revista tinha muitos méritos. Em matérias científicas, os jornalistas conseguiam traduzir para o público em linguagem de fácil entendimento temas complexos, nas enquetes e pesquisas de opinião, conseguia captar e mapear o que o público pensa de determinado assunto e nas edições especiais, a revista se concentrava em uma apuração extensa sobre um único assunto com vários ângulos diferentes. Então, nesses três aspectos em específico a revista se diferenciava de outros veículos jornalísticos de sua época (LIMA,2004).

Assim como, o fator de captação do real, também foi um dos fatores de sucesso, sem o imediatismo do jornal diário, as matérias tinham mais tempo de serem feitas, e com isso o repórter iria a fundo no realismo social, característica do jornalismo literário, sobre o que ele pretende cobrir.

Último fator documentado por Edvaldo Lima (2004) é o texto literário. Rompendo com o tradicional *lead* do jornalismo, o texto do jornalismo literário prioriza a imersão do leitor na história**.** Esses foram os fatores que Edvaldo Lima enumerou para o sucesso da revista “Realidade”.

Mais tarde, já no século XXI, o jornalismo literário passaria por algumas mudanças, perdendo espaço nas redações impressas. O imediatismo foi ficando maior e com isso matérias mais elaboradas em jornais não compactuavam com o dia-a-dia corrido das pessoas.

Segundo Costa:

> A perspectiva adotada era a de que a relação do leitor com o jornal variava em intensidade: havia desde quem só flanasse o olhar sobre o exemplar de domingo até os *heavy users*, leitores assíduos de todas as editorias, todos os dias. Mais do que conquistar novos públicos, o objetivo estratégico dos jornais deveria ser melhorar e aprofundar a experiência dos leitores já conquistados, fazendo-os deslocar-se ao longo do espectro de engajamento. Em suma, era preciso mudar a maneira como as pessoas liam, convencendo-as a ler mais conteúdo, mais vezes na semana (COSTA, 2015, p. 78).

Com o advento da internet, aumentava a praticidade do leitor em se informar sobre algum assunto sem precisar procurar em algum jornal ou telejornal, a publicação da notícia online pode ser postada a qualquer momento sem um horário definido, como no jornal impresso em que se tem um horário para a edição do jornal sair ou na edição do telejornal. J. B. Pinho (2003, p. 209) fala sobre o jornalismo na internet, o texto jornalístico deve ser conciso, o que não se encaixa no modo de realização do jornalismo literário.

> Hoje, o reconhecimento institucional da importância da narrativa direciona-se apenas para a dimensão dos grandes projetos, feitos pelo jornal para virarem cases de sucesso. Não há uma reflexão sobre a incorporação diária da voz descritiva e autoral, fazendo com que poucos profissionais consigam desenvolver essa habilidade e reduzindo, portanto, o número daqueles que estão aptos a incorporá-la em projetos de fôlego, caracterizando um ciclo vicioso. A tendência à perda do poder descritivo aumenta na medida em que hoje o jornalista não é nem mais demandado a ser testemunha ocular: os meios de comunicação eletrônicos permitem a apuração de dentro das redações via telefone ou e-mail (COSTA, 2025, p.82).

Com a diminuição das vendas dos jornais impressos, os donos de jornais estadunidenses contrataram empresas especializadas em pesquisas com o público para entender o que os leitores queriam ver nas páginas dos jornais.

Com o resultado viram que os leitores gostariam de jornais onde se contam histórias (COSTA, 2015). Assim como anteriormente os folhetins aumentaram os números de vendas de jornais nos séculos XVIII e XIX, deve-se compreender a retomada dos valores do jornalismo literário como o homem tentando organizar o caos do século XXI. (KRAMER, 2000).

No Brasil, a revista “Piauí’, criada em 2006 por João Moreira Salles e pela editora Alvinegra, mantém periodicidade de publicação mensal, assim como fez a ‘‘Realidade”, além de também possuir a versão online da revista. A revista não produz apenas reportagens de fôlego, mas também trabalha com outras editorias de poesia, ficção e histórias em quadrinhos. É o maior exemplo atual no Brasil do uso do jornalismo literário, fora os livro-reportagens.

2.3 Jornalismo literário como gênero

Com o básico do jornalismo literário apresentado, o capítulo focará agora no conceito do gênero. Uma definição de jornalismo literário dada por Felipe Pena é:

> Para começar, o próprio conceito de Jornalismo Literário, que é caracterizado como uma modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação originários da (ou inspirados pela) Literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização (PENA, 2006, p. 105).

Edvaldo Pereira Lima usa a expressão “leitura da realidade” para se referir ao jornalismo literário, porém outros pesquisadores apontam para a limitação desse termo e o próprio Edvaldo Lima comentou que o jornalismo literário já ultrapassou o termo leitura da realidade (CASTRO, 2010).

Lima (2004) definiu jornalismo literário como o uso de técnicas da literatura para apuração, edição e escrita para narrar o real caracterizados por reportagens que pressupõem o narrador vinculado ao seu objeto de estudo. A combinação entre o jornalismo e a literatura, então, deu origem ao jornalismo literário como gênero, com a mescla entre práticas da literatura e investigações jornalísticas. Buscando descrever cenas para o imaginário do leitor, desenvolver

os personagens envolvidos na história, quem ele era, com que trabalha, sua família etc., tentando fazer o público entender os personagens, sempre com mais ênfase no personagem.

Um dos conceitos do jornalismo literário é sobre não buscar a reprodução do jornalismo 'tradicional', como o uso do *lead* ou a pirâmide invertida. Nesse gênero o mais importante é a imersão e promover reflexões sobre temas ou situações da vida real para os leitores. "O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais" (PENA, 2006). Como exemplo há o uso do realismo social por parte dos jornalistas, como citado anteriormente.

> A imersão serve ao objetivo de se investigar os padrões de comportamento dos personagens de uma história, para se compreender suas motivações, seus valores, a origem possível de determinadas atitudes, a consequência de uma postura. […]. O autor está embarcado numa missão de compreensão. Assim, não lhe interessa, em princípio, a verdade absoluta, isenta e imparcial, pois essa, no nível dos seres humanos comuns (quase todos nós), não existe. O que lhe move é compreender um tema a partir das perspectivas dos personagens nele mergulhados (LIMA, 2009, p. 377 -392).

De acordo com Felipe Pena (2006), o conceito 'estrela de sete pontas' criado por ele, serve para explicar o que é o jornalismo literário, além de ser muito referenciado em pesquisas sobre o gênero e análises de livros-reportagens.

A primeira "ponta" seria a potencialização do jornalismo: trata-se do uso da imersão do leitor na história através da descrição das cenas e outros recursos da literatura. Ainda assim, como citado anteriormente, sem descartar o que se aprende no jornalismo tradicional como a apuração, observação, ética e a habilidade de expressar para o público o ocorrido.

Já a segunda "ponta" fala sobre ultrapassar os limites dos acontecimentos diários. Rompendo com a periodicidade e a atualidade, duas características do jornalismo diário. Então, sem estar prezo ao *deadline*[5] e ao fator novo, o gênero propõe ao leitor uma visão ampla dos acontecimentos.

[5] É um jargão muito usado no jornalismo para se referir ao prazo limite de entrega da matéria.

Em relação à terceira “ponta”, ela é sobre a visão que o jornalista quer passar sobre o assunto, sua abordagem e angulação em relação ao ocorrido. É preciso que esse recorte seja de interesse da população.

Felipe Pena atribui que a quarta “ponta” é a cidadania, ou o exercício da cidadania. O jornalista sempre deve pensar em como sua matéria vai ajudar a sociedade, sempre focando na formação do cidadão.

A quinta característica do jornalismo literário trata do rompimento com o lead. Como citado anteriormente, o jornalismo literário tem por base a proposta de ultrapassar o lead, fugindo do modelo tradicional de se escrever uma matéria. Para a socióloga Gaye Tuchman, por exemplo, a objetividade nada mais é do que um ritual de autoproteção dos jornalistas. E a pasteurização dos textos é nítida. Falta criatividade, elegância e estilo. “É preciso, então, fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa” (TUCHMAN, apud PENA, 2006, p. 7).

A sexta característica trata da falta de tempo dos repórteres em jornais diários e isto se reflete na reportagem onde sempre figuram personagens de cargos públicos e que já estejam no círculo da imprensa. “Como não há tempo no jornalismo diário, os repórteres sempre procuram os personagens que já estão legitimados neste círculo vicioso. Mas é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados” (PENA,2006, p. 7).

A última característica é a perenidade, pois, em contrapartida do jornalismo diário, o texto do jornalista literário não pode ser efêmero. O objetivo é sempre a permanência da história na cabeça do leitor. Levando para o lado do livro-reportagem, um livro deve permanecer instigante por gerações.

> A literatura de complexidade busca também a complementaridade entre a abordagem analítica e a sistêmica: analítica pela necessidade de extrair os elementos e os fatos que permitem subsidiar as reflexões, e sistêmica, por permitir obter uma visão global, como forma de organizar os conhecimentos, tendo em vista uma maior eficácia da aplicação dos saberes (CASTRO,2010, p.29).

Se no jornalismo convencional temos o valor-notícia, no jornalismo literário há o método desenvolvido por Sarah Vasconcelos (2002) que é o valor-narração. Enquanto no valor-notícia do jornalismo tradicional encontram-se

características como atualidade, objetividade, relevância, interesse público, factual e baseado em fatos reais, no literário há características como temporalidade flexível, subjetividade, acontecimento incomum, interesse do público, sensacionalismo e o uso de metáforas para contar determinada história**,** portanto é visível que o jornalismo literário como gênero pende para o não-imediatismo, não se prendendo ao cotidiano e nem ao *lead*. “Trata-se de uma narrativa criada pelo jornalista a fim de atrair o leitor para um novo modo de visualizar a notícia, não se tratando apenas de um registro factual” (SOUZA, 2016, p. 4).

Uma obra que pode ser usada de exemplo para entender os dois tipos de valores é “Os Sertões” (1902) de Euclides da Cunha, já citada no tópico anterior.

> O engenho que o autor realizou através de Canudos é ao mesmo tempo uma reportagem e um romance, uma narrativa que se enquadra nos limites do interesse público e do interesse do público, da relevância e do incomum, do factual e do excepcional, de modo que “Os Sertões” não é especificamente uma coisa ou outra, mas ambas (CASTRO, 2010, p.29).

Como aponta Lima (2004), é possível perceber três níveis de recursos literários empregados em livros: puramente ficção, que trata de artifícios criados a partir da imaginação do autor sem que de fato tenha alguma correlação na realidade; as jornalísticas, que usam recursos literários para reportar melhor acontecimentos da realidade, e as que mesclam ficção e o factual.

Borges (2013) aponta como funciona a hibridização dos elementos ficcionais e não-ficcionais:

> Verdade e mentiras não devem se confundir, mas podem conviver e até compartilhar espaços, desde que a identificação de cada qual permaneça clara. A melhor maneira para fazer isso é encarar os discursos da realidade (jornalismo, história) e os discursos da ficção (romances, contos) e suas hibridizações (Jornalismo Literário, romance histórico) como o que são em essência: discursos (BORGES, 2013, p. 117).

Em suma, o jornalismo literário visa quebrar o método do jornalismo convencional de se contar uma notícia. Tentando atingir o leitor com mais informações e angulações diferentes, com o artifício da literatura. Desprendendo-se do imediatismo e da objetividade.

3 O LIVRO-REPORTAGEM E O JORNALISMO CONTEMPORÂNEO

Com a história do jornalismo literário apresentada, junto de seus principais autores, movimentos e características, este capítulo focará no conceito de livro-reportagem, o formato em que o jornalismo-literário é mais conhecido, seus fundamentos, funções e objetivos.

3.1 O livro e a reportagem: exemplos

"De todas as formas de comunicação jornalística, a reportagem, especialmente em livro, é a que mais se apropria do fazer literário" (LIMA, 2004**,** p. 173). O jornalismo literário tem como fundamento o mergulho do repórter no seu objeto de estudo, a abordagem extensiva em torno da notícia, indo além das perguntas que compõem o lead. Visa também o aprofundamento do foco, buscando as raízes do que será documentado (LIMA, 2004).

Lima (2004, p.27,28) traz alguns conceitos de diferenciação do livro-reportagem para livros de outros gêneros, sendo três condições essenciais. A primeira é quanto ao conteúdo: tem que ser tratado no livro-reportagem o real, com veracidade e verossimilhança, apresentar um certo grau de perenidade, ou atemporalidade. A segunda condição é quanto ao tratamento: entende-se como a linguagem, a montagem e a edição do texto, devendo este ser jornalístico com suas características de exatidão, precisão, clareza e concisão.

A terceira condição é quanto à função da obra. O livro-reportagem pode ter diversas funções básicas do jornalismo de informação, orientação e explicação, além da extensão de informações do objeto abordado, como é usado no jornalismo informativo. Outra função seria a de usar a pesquisa para ressaltar opiniões a respeito desse objeto, como no jornalismo opinativo. Ele pode exercer uma função de buscar várias angulações sobre determinando acontecimento ou pessoa, caracterizando como jornalismo interpretativo. Além de possuir o caráter de denúncia sobre o objeto, jornalismo investigativo.

Segundo Lima, o livro-reportagem é muitas vezes fruto da inquietude do jornalista que procura algo a dizer com profundidade e não encontra espaço no

para fazê-lo no seu âmbito de regular de trabalho, na imprensa cotidiana (2004, p.33). Lima ainda diz que o livro-reportagem permite ao jornalista construir um trabalho que permita usar todo seu conhecimento para construir uma narrativa da realidade.

Com relação ao vínculo com o jornalismo diário, Lima (2004) aborda dois grupos de livros-reportagens. O primeiro seria o livro-reportagem proveniente de uma grande reportagem ou uma série de reportagens vinculadas à imprensa diária, e posteriormente sendo tudo reunido em um livro. O segundo é o livro-reportagem pensado diretamente para o formato de livro.

Outro fator que se pode dividir o livro-reportagem é em relação com a atualidade. Lima (2004) pontua duas categorias básicas para isso. A primeira é o livro-reportagem que usa de um acontecimento de repercussão no atual momento, conseguindo ampliar os dados e informações, enquanto o impacto reverbera pela sociedade. Em contrapartida, outra forma de livro-reportagem ligada à atualidade seria sobre os que não se limitam a algum tema atual, visando assim trazer novos paradigmas sobre algum acontecimento do passado.

Os livros-reportagens apresentam diferentes temas, Lima (2004) propõe classificar em gêneros os livros reportagens: “Desejo propor um critério objetivo particular específico sobre como o livro desempenha narrativamente sua função de informar e orientar com profundidade, e a natureza do tema de que trata a obra” (LIMA, 2004, p. 51). Esta classificação busca uma compreensão quanto aos temas que os livros-reportagens podem abordar, facilitando estudos e pesquisas.

Os livros-reportagens podem ser classificados em: perfil, depoimento, retrato, ciência, ambiente, história, nova consciência, instantâneo, atualidade, antologia, denúncia, ensaio e viagem. Abaixo, veremos suas definições e exemplos de livros nessas classificações.

Livro-reportagem-perfil, o qual procura evidenciar o lado humano de uma pessoa pública ou anônima que tenha algo de interessante a ser pesquisado. No primeiro caso, trabalha-se a curiosidade sobre a personalidade de um indivíduo famoso; enquanto o segundo trata de alguma história que realmente valha a pena contar. Com o exemplo da obra “Tesla: A vida e a loucura do gênio que

inspirou o mundo” (2023) - escrito por Marko Perko, o livro conta a vida pessoal do inventor Nikola Tesla.

Há o livro-reportagem-depoimento, que reconstitui um acontecimento de grande importância com a visão de alguém que participou ou testemunhou tal acontecimento. Um exemplo é a obra “Hiroshima” (2002) de John Hersey, cuja narrativa é centrada no depoimento de seis sobreviventes japoneses da cidade onde foi jogada a bomba atômica em 1945.

O livro-reportagem-retrato pode trazer uma narrativa a qual versará sobre uma região geográfica, um setor da sociedade ou o segmento de uma atividade econômica. Tem por objetivo explicar sobre o funcionamento do objeto em questão, assim como seus problemas e não se referindo a uma pessoa. “Airport international” (1978) de Brian Moynahan é um exemplo desse gênero de livro-reportagem. Na obra o autor aborda os bastidores do aeroporto Heathrow, localizado em Londres, para demonstrar como é o funcionamento de um grande aeroporto.

O Livro-reportagem-ciência é pensado e utilizado para divulgação cientifica. Pode ter caráter crítico ou de reflexão. “Antártida” (1986) de Luiz Oscar, comenta sobre o continente.

Já o livro-reportagem-ambiente está ligado às causas ecológicas. Pode apresentar postura combativa, crítica ou procura por conscientização de algum tema ambiental. Para exemplificar, há a obra “Os Andes” (1985) de Tony Morrison, que conta a história da Cordilheira dos Andes ao longo dos anos.

Temos ainda o livro-reportagem-história, focalizando algo do passado, porém sempre com algum tema que ligue esse acontecimento com o presente. O livro “Olga” (1994) de Fernando Morais, conta a história da jornalista e esposa de Luís Carlos Prestes nos tempos da ditadura.

O livro-reportagem-nova consciência, tem como foco temas ligados a novos movimentos nas áreas comportamentais, sociais, econômicas e religiosas. Uma obra que serve para exemplificar esse gênero é “Murieron para vivir: el resurgimiento del Islam e el Sufismo en España” (1983) de Francisco Lópes Barrios e Miguel José Haguerty.

O livro-reportagem-instantâneo é ligado a um fato recém-encerrado, onde já se pode notar alguns contornos. Pode ser ligado ao fato ocorrido ou em algum desdobramento que venha a ter no futuro. Por exemplo, o livro “A sangue quente: a morte do jornalista Vladimir Herzog” (1978) de Hamilton Filho.

Livro-reportagem-atualidade: parecido com o instantâneo, porém seleciona fatos que tenham maior perenidade, ainda sem conhecimento de seus desdobramentos. Faz com que o leitor queira acompanhar o desfecho dessa história. “Struggle for take off” (1986) de Duncan Campbell-Smith é um exemplo dessa temática, trata-se da privatização da empresa britânica *British Airways* o autor escreve o livro enquanto o processo de privatização está em andamento, esse livro ganha importância histórica por documentar um dos primeiros processos de privatização de uma empresa estatal na Grã-Bretanha.

Livro-reportagem antologia, reúne reportagens sobe diferentes critérios, como diversas reportagens de um mesmo profissional, mas sobre temas diferentes. Pode ser também sobre um mesmo tema, porém com profissionais diferentes. “O circo de desespero” (1976) de Audálio Dantas, reúnem algumas de suas reportagens feitas nos veículos “Folha da Tarde”, “O Cruzeiro” e “Realidade”.

Livro-reportagem-denúncia, geralmente com características do jornalismo investigativo, apelando para o emocional do público. Um exemplo é o “Rota 66” (1992) de Caco Barcellos, onde narra as injustiças que a Rota fazia com a população periférica.

Livro-reportagem-ensaio, compartilha os pensamentos do autor sobre determinado assunto e visa fazer com que o leitor concorde com o seu posicionamento até ao final do livro. Exemplifica-se essa definição com o livro “Os despertar dos mágicos: uma introdução ao realismo fantástico” (1960) de Louis Pauwels e Jacques Bergier.

Livro-reportagem-viagem, reportagem do jornalista para uma região específica, servindo de base para apresentar questões sociológicas, económicas e culturais do local. Como “A ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro” (2001) de Fernando Morais, que ficou três meses em Cuba reunindo dados e entrevistas sobre a região.

3.2 O livro-reportagem no século XXI no Brasil

O autor e jornalista brasileiro Zuenir Ventura escreveu “1968: o ano que não terminou”, no qual conta a história do ano do lançamento do AI-5 e outros temas referentes a 1968. Uma característica já citada nessa pesquisa do jornalismo literário é o fator perenidade. O livro foi lançado em 1988 e ainda hoje é referenciado como um grande livro-reportagem do jornalismo brasileiro. Como apresentado no sistema de classificação de Lima (2004) acima e tomando de exemplo o livro citado, o livro apresenta características do livro-reportagem-depoimento, onde o próprio autor (Zuenir Ventura) viveu o fato documentado. Portanto, um exemplo do uso dessas classificações.

Zuenir lançou em 2008 a continuação do livro, nomeado “1968: o que fizemos de nós”, no qual ele volta aos personagens do antigo livro e faz um balanço sobre as mudanças que ocorreram nesse período de 1968 a 2008, além de contar novas experiências, “relatando suas impressões de estar em uma enorme *rave* aos 77 anos, as novas drogas e os conceitos revisados de liberdade sexual e postura política” (MACIEL, 2018, p.57). A obra analisa os novos tempos, tendo como objeto, no caso a nova geração de jovens do século XXI, ou seja, há o uso do realismo social em que o jornalista deve fazer parte do objeto por dentro, nunca ficando no campo da neutralidade.

Outro exemplo do uso dessa classificação está nos livros-reportagens-instantâneos, bastante utilizados para retratar incidentes políticos. No Brasil, um caso recente e de grande repercussão ocorreu a oito de janeiro de 2023 em que apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro - que há menos de três meses perdera as eleições para seu oponente -, invadiram o Palácio do Planalto, causando uma série de depredações ao patrimônio público. O fato ensejou o lançamento de alguns livros-reportagens com esse tema em foco. Um exemplo é a obra “8/1: A rebelião dos manés, ou: esquerda e direita nos espelhos de Brasília” (2024) livro escrito por Pedro Arantes, Fernando Frias e Maria Luisa Menezes. A obra narra os acontecimentos do dia 8 de janeiro de 2023 e faz paralelos sobre como a esquerda e a direita são vistos nos dias de hoje, num cenário de alta polarização política. Por ter pouco tempo entre o fato principal do livro e a finalização do livro (o incidente ocorreu em 2023 e a finalização do livro

se deu em 2024), caracteriza-se como livro-reportagem-instantâneo, no qual narra-se um fato recém-concluído.

Os livros-reportagens, assim como o mercado de livros brasileiros em geral, enfrentam problemas nos números de vendas. Os dados recentes de números de leitores no brasil estão abaixo do ideal, de acordo com a pesquisa feita pela “Retratos de Leitura do Brasil” em um período de quatro anos, 2015 a 2019, o Brasil perdeu 4,6 milhões de leitores, caindo de 56% para 52%[6] do público leitor. Uma das causas dessa queda de acordo com a pesquisa é a internet e as redes sociais, a coordenadora da pesquisa, Zoara Failla, aponta que “essas pessoas estão usando o seu tempo livre, não para a leitura de literatura, para a leitura pelo prazer, mas estão usando o tempo livre nas redes sociais” afirma a coordenadora da pesquisa. Outros fatores para a baixa quantidade de leitores no Brasil são o preço dos livros e as poucas bibliotecas.

Em relação aos livros reportagens e sua situação no mercado de livros no Brasil, Maciel diz que:

> Nas primeiras décadas do século XXI, o livro-reportagem continua representando um segmento importante para as editoras brasileiras, segundo atestam os próprios editores. Mas os livros de não-ficção escritos por jornalistas enfrentam os mesmos turbilhões de crise que costumam atingir constantemente o mundo editorial (MACIEL, 2018, p. 127).

Maciel ainda fala sobre como está a organização dos livros-reportagens em livrarias atualmente:

> Livros-reportagem que tratam de cinema, fatos históricos e música, por exemplo, em geral são distribuídos em prateleiras específicas para cada um desses assuntos, havendo casos de um “Rota 66” repousar em uma prateleira de sociologia. Pode ser que essa distribuição difusa ajude o produto a tornar-se visível em todas as partes de uma livraria, mas um pouco mais de padronização na sua visibilidade talvez ajudasse (MACIEL,2018, p. 128).

Ainda de acordo com Maciel (2018), uma pesquisa foi realizada Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e da Nielson BookScan Brasil apontou

---

[6]TOKARNIA, Marlana. Brasil perde 4,6 milhões de leitores em quatro anos. Agência Brasil, 2020.https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-09/brasil-perde-46-milhoes-de-leitores-em-quatro-anos

que, de janeiro de 2016 a setembro de 2017, houve uma recuperação do mercado livreiro, da ordem de 6,25% em volume e 6,65% em valor, o que corresponde a algo em torno de 29,3 milhões de livros vendidos em 2016 e 33,1 milhões até setembro de 2017. Então, o livro-reportagem no jornalismo contemporâneo ainda é uma grande força não só para as editoras como também o público que o consome.

O site *Publishnews* organizou dados de livros escritos por jornalistas entre 2010 a 2017. A lista é baseada na venda de 12 grandes livrarias brasileiras. O jornalista Laurentino Gomez obteve o melhor desenho ao longo do século XXI, com a sua trilogia de livros “1808: Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil” (2007) , “1822: Como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram Dom Pedro a criar o Brasil – um país que tinha tudo pra dar errado” (2010) e “1889: Como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíam para o fim da monarquia e a Proclamação da República no Brasil” (2013) sempre figurando entre os mais vendidos entre 2007 a 2014. (MACIEL, 2018)

Uma temática que chama a tenção dos leitores em livros escritos por jornalistas é sobre a visão da história que o jornalista possui. Os livros da série “Guia Politicamente incorreto”, especificamente, “Guia Politicamente incorreto da história do Brasil” (2009) de Leandro Narloch, “Guia Politicamente incorreto da América Latina” (2011) de Duda Teixeira e Leandro Narloch, e “Guia Politicamente incorreto da história do mundo” (2013) de Leandro Narloch, sempre com grandes números de vendas e ficando entre as mais vendidas na categoria de não-ficção.

Outra área de livros reportagens que apresenta sucesso com o público são as biografias. Geralmente, feitas de personalidades famosas e assinadas por elas; porém outras vezes a celebridade conta com a ajuda de um jornalista escritor para contar sua história. “Ayrton, o herói revelado” (2004) de Ernesto Rodrigues, é uma biografia onde o jornalista segue os passos do piloto Ayrton Senna na sua carreira profissional, sem esquecer de detalhes de sua vida pessoal. Neste caso, foi um livro escrito somente pelo jornalista. Já a obra “Prólogo, ato, epílogo e memórias” (2019) busca contar a vida de Fernanda

Montenegro como artista, sendo escrita em colaboração com a jornalista Marta Goés. Outro que se encaixa nisso é “Casagrande e seus demônios” (2013) feito em parceria do ex-jogador de futebol com o jornalista Gilvan Ribeiro, obra que vendeu mais de 40.000 exemplares no ano de seu lançamento.

Há ainda um ramo bem-sucedido no Brasil de livros-reportagens escritos por jornalistas, que são aqueles que tratam de escândalos políticos. “A privataria tucana” (2011) de Amaury Ribeiro Jr, conta a história dos bastidores das privatizações do governo de Fernando Henrique Cardoso. Outro livro-reportagem sobre escândalos políticos é “Lava jato” (2016) de Vladimir Neto, que é focado no juiz Sergio Moro.

Como demostrado, os livros escritos por jornalistas conseguem vender bem nas suas categorias, mesmo com o mercado de livros brasileiros no século XXI tendo ano após ano uma diminuição nos números de leitores. Ainda não são todos os jornalistas que conseguem sobreviver apenas como jornalista escritor, precisando dividir o tempo com outros afazeres da profissão.

> Quanto aos jornalistas, a possibilidade de sobreviver de livro no Brasil contemporâneo parece remota. Alguns, mais experientes, como Fernando Morais e Lira Neto, conseguiram tal status, mas muitos repórteres ainda dividem o ofício de escritor com a labuta diária nas redações (MACIEL, 2018, p.132).

3.3 A escolha e construção dos personagens no livro-reportagem

Parte fundamental do jornalismo são os personagens, que servem para o público se identificar; porém, esses personagens vivem dentro de uma narrativa, que pode ser ficcional ou baseada na realidade. As narrativas midiáticas podem ser divididas em dois grupos: narrativas fáticas e narrativas fictícias. As narrativas fáticas são as notícias, reportagens, documentários etc. Servem para captar o real e informar, sempre buscando a objetividade, sendo a narrativa fática ligada ao jornalismo. As narrativas fictícias são as novelas, os videoclipes musicais, os filmes, as histórias em quadrinhos etc. Buscam emocionar o público, buscando a subjetividade e não tendo como foco a informação (MOTTA, 2010).

> Jornalistas, produtores e diretores de TV e cinema, roteiristas e publicitários sabem que os homens e mulheres vivem narrativamente o seu mundo, constroem temporalmente suas experiências. Por isso, exploram com astúcia e profissionalismo o discurso narrativo para causar efeitos de sentidos (MOTTA, 2010, p.2).

Segundo Santos (2013) o que está sendo narrado em um livro-reportagem está intimamente ligado ao personagem. Eles, como visto, são necessários para que os leitores se identifiquem com suas atitudes, seus problemas e suas conquistas. As personagens no jornalismo seriam, segundo Todorov (1972) “figuras de papel”[7], ou seja, são construídas nas reportagens, mesmo que através de pessoas reais que viveram o fato narrado. O jornalista cria o personagem com base no fato, criando uma representação em forma de texto de uma pessoa real.

> Uma leitura ingênua dos livros de ficção confunde personagens e pessoas. Chegaram mesmo a escrever “biografias” de personagens, explorando partes de sua vida ausente do livro (“o que fazia Hamlet durante seus anos de estudo?). Esquece-se que o problema da personagem é antes de tudo linguístico, que não existe fora das palavras, que a personagem é “um ser de papel”. Entretanto, recusar toda relação entre personagem e pessoa seria absurdo: as personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção (DUCROT e TODOROV, 1972, p. 216).

Então, o que o jornalista passa para o papel na produção da notícia é uma representação da pessoa real, buscando retratar de forma clara as suas intenções e os acontecimentos em que ela se envolveu. Trata-se da captação do real, uma das características presentes em livros-reportagens, como exemplificado por Lima (2004). “É importante lembrarmos que a personagem no jornalismo surge referenciada na pessoa humana, não sendo uma construção feita a partir das ideias do autor ou um reflexo perfeito da realidade” (WEBBER,2014, p.53).

Personagens famosos presentes nos esportes, novelas ou filmes, quando retratados pelo jornalismo, quanto mais os personagens são adorados, mais pessoas o acompanham e a mídia tem um papel fundamental para isso, ajudando a criar uma personalidade que seja altamente identificável e com isso buscando com que o público entenda suas dificuldades e suas alegrias (MOTTA, 2010).

[7] O autor faz aqui uma alusão à mídia impressa.

Um outro autor, Foster (1969) alega que a construção das personagens está condicionada pela mente do escritor e como ele o imagina e o enxerga sobre outras pessoas e sobre si mesmo.

> Se quisermos saber alguma coisa a respeito de personagens, teremos de encarar a construção do texto, a maneira que o autor encontrou para dar formas às suas criaturas, e aí pinçar a independência (ou não!), a autonomia e a "vida" desses seres de ficção, que fazem a ponte entre a arte e a vida" (BRAIT, 2006, p.19)

Uma das formas de apresentar a personagem é por meio da caracterização. Com isso, o autor pode aprofundar os pensamentos da personagem para o leitor, além de características físicas e personalidade, fazendo com que o leitor entenda o personagem em questão (WEBBER, 2014).

Coimbra (1993, p. 72,73 e 74) classifica em cinco os tipos de personagens em relação à composição:

a. Personagem plana: que seria uma personagem construída unilateralmente em torno de apenas uma só ideia, sua personalidade não se altera durante toda a obra.
b. Personagem redonda: tem uma personalidade multifacetada, possuindo profundidade e com mudanças durante toda a obra.
c. Personagem referencial: são personagens que, já são conhecidos de alguma forma pelo leitor, pois estão na mesma cultura a que os leitores pertencem.
d. Personagem anáfora: ao contrário do personagem referencial, o leitor só irá conhecer esse tipo de personagem ao conhecer a obra.
e. Figurante: não tem função na obra, servindo apenas como forma decorativa.

Esses tipos de personagens – típicos da literatura - podem também ser vistos em livros-reportagens. Por exemplo, há o caso do traficante carioca Juliano VP (que é o nome utilizado por Caco Barcellos para representar Marcinho VP) na obra "Abusado" (2003). Juliano VP demonstra diferentes características ao decorrer do livro, com momentos em que age com mais violência ou em momentos nos quais Caco narra para o público algumas atividades que o personagem pratica para passar o tempo, como a leitura. Com isso, o autor

consegue ir na contramão do arquétipo de bandido criado pela mídia, além da narrativa do livro ir surpreendendo o leitor a cada nova ação do personagem, tornando-o multifacetado, e assim, um personagem “redondo”. Juliano VP, além de desta faceta, também traz características de personagem anáfora, onde o leitor só irá entender todas as ações tomadas e o que o motivou a tomar essas decisões ao ler o livro.

Ao contrário de um personagem plano, que apresenta pouca profundidade e não teria muita mudança ao decorrer da obra, este estilo de personagem redondo é o mais utilizado como protagonista de histórias relacionadas ao livro-reportagem, devido à quantidade de características distintas.

4 “ROTA 66” E “ABUSADO”: ANÁLISE DOS PERSONAGENS NAS OBRAS DE CACO BARCELLOS

Com as características do jornalismo literário apresentadas, esse capítulo se inicia com um breve resumo da trajetória de Caco Barcellos como jornalista e escritor, além de falar sobre os livros que serão analisados. Em um segundo momento, parto para as análises dos personagens de “Rota 66” (1993) e “O Abusado” (2003), e como Caco Barcellos, os retratou nas suas obras, usando características da literatura e do jornalismo.

4.1 As reportagens literárias de Caco Barcellos

Caco Barcellos começou sua carreira profissional no jornal “Folha da Manhã”, no Rio Grande do Sul, em 1972 e permaneceu lá por três anos. Ao longo da década de 1970, o jornalista passou por diversos veículos, como na revista “Versus”, veículo que denunciava regimes autoritários na América Latina através de metáforas culturais, produzindo quadrinhos, poesia etc. Participou da criação do Coojornal, cooperativa de jornalistas da América do Sul, também com o mesmo viés de combate à ditadura. Posteriormente trabalhou em revistas como “IstoÉ” e “Veja”. Também trabalhou como correspondente internacional por seis anos em Nova York, onde atuou para Globo News/ Rede Globo no programa Espaço Aberto. Mais tarde, em 2001, foi novamente correspondente internacional da Globo, dessa vez indo para Londres.

Em paralelo à carreira como repórter, sua carreira como escritor, autor de livros-reportagem, começou quando o jornalista foi para a Nicarágua em busca de relatar os levantes revolucionários da população contra a ditadura da família Somoza, que estava no controle há 40 anos no país. O repórter, em entrevista ao site “Memórias da Globo”, em 2021, contou que ao chegar no país foi feito de refém por um grupo de crianças da região, fato que ensejou a Caco Barcellos a ideia do título do seu primeiro livro “Nicarágua: A revolução das crianças” (1982). O livro conta a história de Zapote, líder das crianças que prenderam o grupo de Caco, e relacionado com a situação da Nicarágua em guerra.

Na TV Globo, Caco fez parte da criação do programa “Profissão Repórter”, que se iniciou como um quadro do Fantástico e depois ganhou um programa próprio.

> Nos últimos 30 anos, coordena o programa Profissão Repórter, que se dedica a trabalhar com jovens jornalistas mostrando a eles e, ao público, o que chama de caminhos da reportagem, com exibição de bastidores e das etapas de produção, da pauta à exibição final. Estreado em 1995 como um quadro dentro do programa Fantástico, em 2008 torna-se um programa autônomo e passa a ser fixo na grade de programação da emissora (DA SILVA, 2023, p.16).

O programa jornalístico, ao completar 10 anos na TV Globo, virou um livro escrito por Caco Barcellos e mais alguns jornalistas que participaram do programa e suas reportagens. “Profissão Reporter 10 anos – grandes aventuras, grandes coberturas” (2016) é o título do livro, que reúne as 20 melhores reportagens do programa e seus respectivos jornalistas para mostrar os bastidores do processo de criação.

Ao longo de sua trajetória, Caco ganhou notoriedade por diversas reportagens, dentre elas, a do massacre do Carandiru, quando mais de 100 presos foram mortos pela Tropa de Choque de São Paulo, em 1992. Alguns policiais que participaram da operação foram mostrados em seu livro “Rota 66” no qual o autor faz o levantamento de quais foram os policiais que mais mataram dentro da organização (MEMÓRIA GLOBO, 2022).

> Os comandantes das duas unidades da PM que mataram 111 presos, Arivaldo Sérgio Salgado, do COE [Companhia de Operações Especiais], e Wanderley Mascarenhas, comandante do Gate [Grupo de Ações Táticas Especiais], tinham sido citados no ranking dos matadores do meu livro, na quarta e na quinta posições, com mais de 30 assassinatos cada um. A cobertura me obrigou, pela primeira a vez, a ficar frente a frente com os oficiais mais violentos que havia denunciado (BARCELLOS, 2022).

Dos livros a serem analisados, “Rota 66” (1993), conta a história de crimes envolvendo a Rota 66 (Rondas Ostensivas Tobias Aguiar), indo dos métodos de perseguição da instituição contra seus alvos, que geralmente eram pessoas da periferia, até a como os policiais da Rota faziam para falsificar cenas de crimes. O autor também não deixa de citar na obra os nomes de membros da polícia envolvidos em cada caso.

O livro tem início em 1975, com três adolescentes fugindo da Rota, até que eles são cercados e mortos. Então, Caco Barcellos começa a analisar os métodos de execução dos agentes. O livro demorou sente anos para ficar pronto, começando em 1985 e indo até 1992. A obra ganhou o prêmio Jabuti, maior prêmio nacional de literatura, na categoria reportagem em 1993, além do prêmio Vladmir Herzog. A edição usada para essa pesquisa é a 23º,

Em “Abusado: O dono do morro Dona Marta” (2003), há uma reportagem sobre a vida do traficante carioca Marcinho VP, cujo nome na obra é alterado para Juliano VP. A obra também aborda o contexto da favela carioca nos 1990, com seus moradores e o tráfico de drogas.

“Abusado” conta a história de toda a vida de Marcinho, sua infância com amigos, sua adolescência, com ele entrando para o mundo do tráfico, até a fase adulta, tornando-se o “chefe” do morro Dona Marta e um dos criminosos mais procurados do Rio de Janeiro na época. O livro tem início com uma fuga de um assalto no qual Marcinho está ferido e precisa parar em uma casa para esperar o médico chegar e fazer os primeiros socorros. Com esse acontecimento, a história se desenrola, alternando entre passado e o presente. A edição do livro analisado é a 22º, e a obra em questão também ganhou o Prémio Jabuti na categoria reportagem, além do prêmio Vladimir Herzog.

4.2 Análise dos personagens no livro “Rota 66”

Os personagens analisados de “Rota 66” serão dois: Francisco Noronha e o policial Eli Nepomuceno. Os critérios de análises serão baseados na função do personagem na obra, contexto social e sua influência no personagem, além dos critérios jornalísticos e literários usados por Caco.

4.2.1 Francisco Noronha

Francisco Noronha, o primeiro personagem aqui analisado, está ligado ao acontecimento principal para a criação do livro. A perseguição de carro da Rota com três rapazes em um fusca, no bairro Jardins de classe média alta em São Paulo. No diálogo do Caco com o chefe da editoria de polícia do jornal “Folha da

Manhã", na página 33, o repórter mostra seu interesse pelo que está acontecendo.

- Os garotos são da fina flor da sociedade, famílias tradicionais. O bairro deles é o mais rico.... Como explicar isso, Caco?

- É estranho, a Rota foi criada para combater guerrilheiro. Faz tempo que a guerrilha acabou....

- Talvez sejam de alguma nova organização....

- Mas o motorista do fusca tem 17 anos. Guerrilheiro com essa idade, Licínio?

- Não podemos esquecer que os PMs andam caçando criminosos comuns....

- Mas só criminoso pobre. Rico jamais....

Nesse caso, a importância do personagem para a obra é pela sua origem: rapazes de classe média sendo perseguidos pela Rota em bairro nobre de São Paulo.

O jornalista ainda narra, em primeira pessoa, como era a diferença entre a cobertura da imprensa entre pessoas de diferentes classes sociais no contexto da época.

> Sou novato, na profissão, mas já constato que na cobertura de assuntos policias a imprensa também dá um tratamento diferenciado às pessoas pelo critério de sua condição social. Neste ano de 1975, dezenas de jovens da periferia de São Paulo já foram perseguidos por policiais militares de forma idêntica, inclusive com desfechos semelhantes. Entretanto, a cobertura da imprensa foi quase nula (BARCELLOS, 1993, p. 34).

No início da narrativa, o leitor não entende o motivo da perseguição e nem quem são os três indivíduos do carro que estão sendo perseguidos. O autor já vai na contramão do jornalismo convencional ao não explicar diretamente para o público o que está acontecendo. Em vez disso, o ritmo acelerado deixa a leitura mais dinâmica, sem interromper o fluxo da ação, sendo um artifício literário para deixar o leitor preso na história.

Mais tarde, os três indivíduos são apresentados, tratando-se de: Franciso Noronha, Carlos Ignácio Rodriguez, apelidado de Pancho, e Augusto Junqueira. O autor faz a descrição dos personagens durante a perseguição, cada um com

o seu momento. Somente nessa etapa que os personagens são apresentados diretamente para o público.

Portanto, o repórter opta por não seguir o método da pirâmide invertida, onde os três rapazes seriam o “quem” e teriam que ser apresentados logo no início. E também, é somente mais tarde que é explicado o motivo e como iniciou a perseguição.

O motivo tratava-se que, Pancho estava querendo cobrar um dinheiro de uma pessoa da gangue rival. Então, teve a ideia de roubar um toca-fitas que estava no carro do indivíduo da gangue rival, e os outros dois, Noronha e Augusto, concordaram com a ideia. A Rota apareceu no momento do roubo, os três começaram a fugir, assim dando início ao evento principal do livro, que logo depois seria chamando por Caco como “caso Rota 66”.

A forma como Caco escreve seus personagens é com o uso de diálogos, construções de cena e narrando os seus hábitos, métodos da literatura. Características presentes no modo de escrita do “Novo Jornalismo”, que influenciou as obras do autor. Tom Wolfe (2005) indica métodos de caracterização de personagens.

1-Construção cena a cena: como o próprio nome diz, consiste na descrição das cenas em sequência.

2-registro de diálogos completos: conversas entre os personagens, podendo ser com amigos ou familiares.

3-Ponto de vista da terceira pessoa: trata-se de apresentar cada cena ao leitor por meio de um personagem.

4-Registro de hábitos e costumes: descrição de gestos, maneiras, físico, condição financeira, relacionamentos, pensamentos, opiniões etc. Um perfil completo do personagem.

Esses artifícios são presentes na forma que os personagens são construídos no livro “Rota 66”.

O primeiro dos três a ser descrito é Francisco Noronha.

> Noronha, aos 17 anos, é uma unanimidade. As garotas adoram o jeito, charme de skatista radical. Inquieto, irreverente, às vezes rebelde. Não é exatamente um rapaz bonito; 1,68 de altura, ombros largos, corpo de

> atleta; cabelos castanhos e crespos, longos e despenteados, sempre repartidos ao meio e barba por fazer (BARCELLOS, 1993, p. 19).

Sua personalidade é descrita pelo autor como “Noronha vive dizendo que odeia modismos e que não tem apego a coisas materiais” ...”um jovem seguro de si, com ideias avançadas em relação aos amigos” (BARCELLOS, 1993, p. 19 e 20).

A partir disso, é possível ter uma ideia de como é Noronha, em aparência física, de como ele vive e seus pensamentos. Em outro momento da obra, o autor continua, “mas ainda desconhecem a principal característica dele: a coragem” (BARCELLOS,1993, p.36). Este fato está de acordo com o momento do personagem na história, pois Noronha é o piloto do fusca que está sendo perseguido pela Rota. Caco liga a narração sobre o personagem com a ação da perseguição, tornando a narrativa não-linear, característica da literatura. O jornalista segue a lógica da escrita indireta, e não na escrita direta como dita o jornalismo.

Um fator de construção de personagem na escrita do autor é o núcleo familiar. “Os pais são generosos em presentes ao caçula dos dois filhos. Os amigos invejam o tipo de relação que Noronha tem com a família. Uma relação baseada no afeto, na liberdade, no diálogo sem limites, na confiança mútua” (BARCELLOS, 1993, p. 19 e 20). Característica do método de escrita da literatura para fazer com que o público “simpatize” com o personagem.

Outro fator de construção é relacionado ao local em que o personagem frequenta, demostrando sua condição financeira e seu contexto social. Francisco Noronha e seus amigos vão ao clube Paulistano, descrito pelo repórter como sendo um clube elegante da zona sul de São Paulo e que costuma reunir uma grande quantidade de jovens. Segundo o jornalista, há duas condições para entrar no grupo “ser refinado ou metido a refinado. E agressivo, como Noronha, do tipo que não leva desaforo pra casa” (BARCELLOS, 1993, p.21).

Um momento importante é a forma como foi apresentada a relação de Noronha com sua namorada, Iara, que o repórter usa para tornar o personagem mais crível e demonstrando os gostos do adolescente com o contexto social da época.

> Duas horas antes de cruzar com os homens da Rota 66, os longos cabelos do menor Francisco Noronha estavam entre as mãos da namorada, Iara Jamra, que os acariciava enquanto ele fazia o que mais gostava da vida: namorar em um passeio noturno de carro, em baixa velocidade, ouvindo Yes, Pink Floyd e Led Zeppelin pelas ruas arborizadas da cidade universitária (BARCELLOS, 1993, p. 18).

Outro momento com sua namorada e que reforça a personalidade do Noronha é um diálogo, que acontece na página 19, usado para aprofundar ainda mais a relação entre eles para os leitores:

- Ô meu! você deve ficar hoooras em frente ao espelho se produzindo pra parecer que odeia se produzir.

- Para com isso, Larinha. O meu jeito é assim mesmo: largadão, não estou nem aí pra moda.

O desfecho do personagem se dá no capítulo intitulado “Não atirem”, na página 61, narrando o fim da perseguição e as mortes dos três rapazes. Como descrito pelo autor, o fusca bate no poste e Noronha sai do carro com as mãos para cima em sinal de rendição e grita “não atirem”. O grito não é levado em conta pelos policiais que formam uma linha para atirar contra ele. Noronha caído no chão ainda respirava, os policiais avançavam na sua direção e continuaram os disparos.

> Francisco Noronha, caído no chão, apenas respira, enquanto os PMs avançam em sua direção, atirando contra o seu corpo. A perna esquerda é atingida por quatro tiros de metralhadora, Os braços e o tronco também são perfurados, foram cinco ferimentos na parte superior do corpo. Um deles na mamila, provavelmente provocando por um disparo dos policias no momento em Noronha gritava não atire, com as mãos sobre a cabeça. Mesmo baleado nove vezes, Francisco Noronha ainda respira. Um dos PMs chega bem perto. Dispara dois tiros. Um ao lado da boca. O outro, disparado a 1 metro de distância, atinge o peito, acima do coração (BARCELLOS, 1993, p.64).

Caco insere dramaticidade na narrativa através da construção cena a cena, para que o leitor consiga imaginar o modo como aconteceu. Além disso, o autor usa a apuração jornalística na reconstituição do evento e descrição dos personagens mesclando técnicas do jornalismo e da literatura.

Desta forma, o personagem Noronha torna-se uma peça fundamental no livro, pois o que aconteceu com ele e seus amigos foi o motivo do Caco começar

suas investigações. O autor, por meio de técnicas do jornalismo literário, consegue fazer com que o personagem se torne crível sem precisar recorrer a ficcionalização, reforçando sua personalidade e opiniões por meio de construções de cena e diálogos, demarcando o método de escrita do autor.

4.2.2 Eli Nepomuceno

A escolha do personagem Eli Nepomuceno, policial da Rota, se deu a fim de analisar a escrita do jornalista para construir um personagem policial que assume o papel de "vilão", além de apontar a diferença com o modo de representação de Noronha, analisado anteriormente.

É possível pensar, a partir da leitura do livro, a Rota no papel de personagem principal do livro de Caco Barcellos. A instituição aparece em praticamente todos os capítulos e tudo que acontece na obra está ligado com ela. Então, Nepomuceno servirá como representação da instituição nessa análise. Assim como o autor usa o artifício jornalístico de apuração sobre os nomes corretos dos policiais para colocar uma "cara" a instituição e expor seus crimes, reiterando o caráter de livro-reportagem-denúncia da obra.

Os policiais não são descritos com sua personalidade, núcleo familiar, de amigos ou de aparência física, fazendo sentido com o intuito do livro que é apenas investigar os crimes dos agentes da Rota e contar histórias das vítimas.

> Caco Barcelos não desenvolve muito a densidade psicológica dos policiais. Porém, isso não faz com que esses personagens fiquem distantes do leitor. Barcellos optou por descrever a frieza com que os policiais cometiam os crimes ou simplesmente a "naturalidade" com que assassinavam pessoas inocentes e, assim, prendeu a atenção do leitor no enredo do livro sem deixar que estes perdessem a função de personagem principal de Rota 66 (BEZERRA, 2006, p. 37).

Então, o autor escolhe deixar os policiais como personagens planos, visto que o foco não é o aspecto psicológico dos policiais, mas o que eles representam, sendo a violência contra a população periférica. O repórter usa o personagem Eli Nepomuceno para representar a corrupção da polícia, através do evento narrado no capítulo 10 "Crime sem castigo", na página 121. O capítulo começa com uma desavença em um bar em Moji das Cruzes.

> O capixaba Ataíde de Oliveira é do tipo vingativo, que na hora da briga se acovarda para depois agir às escondidas. Hora depois da desavença no boteco, o mecânico de motos desempregado, Wagner Bossato, o Tatuagem, já estava sendo procurado por um cabo e dois soldados em trajes civis (BARCELLOS, 1993, p. 122).

O autor faz referência ao “caso Rota 66”, a perseguição dos três rapazes comentado no início do capítulo, para identificar o policial aos leitores.

> Exatamente oito anos e dezenove dias depois de comandar as equipas envolvidas no caso Rota 66, o mesmo tenente Eli Nepomuceno, se dirige em alta velocidade á Deodato Werthermem, em Mogi das Cruzes, para ajudar a combater o inimigo do dono de um botequim (BARCELLOS, 1993, p. 123).

O evento desse capítulo é narrado de forma direta, sem que haja momentos que intercale com outra passagem de tempo, como foi feito com a perseguição do início do livro. Então, sendo escrito de maneira a lembrar o modo de escrita do jornalismo convencional.

Gancho (2006) aponta que pode haver, no modo de narrar em terceira pessoa, duas vertentes: o narrador intruso, que julga os comportamentos dos personagens e o narrador parcial, onde o autor pode se identificar com um personagem e esse ganhar mais espaço na história. Nesse capítulo, o foco narrativo foi feito em terceira pessoa do tipo de narrador intruso. O estilo dessa narração é característico da literatura onde o autor coloca sua visão na história, diferentemente de um viés jornalístico onde predomina o discurso de neutralidade.

O autor faz uso dessa narração para expor diversos crimes cometidos pelos agentes do batalhão de choque de São Paulo, ao narrar os momentos em que o tenente Nepomuceno e os outros policiais cercaram a casa do Tatuagem. “Ao chegar ao local, começa a agir como se ali estivesse em risco a segurança da sociedade” (BARCELLOS, 1993, p. 123).

O desfecho se dá com o Tatuagem cercado em casa pelo Nepomuceno e mais alguns policiais, e fala com sua mãe o motivo de não se entregar.

- É a Rota.... eles vão me matar.

- Calma, meu filho, eles só querem prender você.

- Rota não prende, mãe. Rota só mata. Eles vieram me matar, vocês vão ver.[8]

O tenente consegue entrar na casa e começa a disparar contra o Tatuagem, os disparos só param com a mãe da vítima ficando na frente do filho morto. A passagem seguinte do livro, o autor se posiciona através do narrador intruso, como feito algumas vezes no livro. “Nepomuceno só para de atirar quando a mãe põe a mão sobre o rosto do filho. Guarda a arma no coldre. Em seguida, começa agir como se fosse um homem imbuído de nobreza humanitária” (BARCELLOS, 1993, p. 126).

Nepomuceno diz para os policiais socorrerem a vítima, usando desse pretexto para violar a cena do crime, fato comum mostrado no livro entre os policiais da Rota. Em seguida, o repórter narra que os policiais levaram as três mulheres (mãe, espessa e filha) para fora de casa e voltaram imediatamente para a cena do crime onde começaram a disparar, fazendo parecer que foi uma troca de tiros e que os agentes apenas se defenderam. “Na calçada, mais de vinte pessoas se alinham junto a cerca de madeira. Dali todos ouvem novos disparos de armas de fogo dentro da casa, como se os PMs estivessem trocando tiros entre eles” (BARCELLOS, 1993, p. 127). Minutos depois, o tenente Nepomuceno exibe um revólver as pessoas que estão na calçada

- Essa é a arma do vagabundo. É um trezoitão, vocês estão vendo?[9]

Nepomuceno convoca algumas pessoas para serem testemunhas do que ele encontrou dentro da casa. O tenente os leva até o banheiro da casa e mostra para eles que encontrou cocaína e maconha.

- Além de tentar nos matar, o vagabundo é traficante, vocês são testemunhas, certo?[10]

Nessa passagem, o narrador não faz nenhum juízo de valor no texto, deixando para o público julgar se a droga era ou não da vítima, ou se o policial plantou essa droga para incriminar a vítima.

[8] Diálogo em questão situado na página 124.
[9] Diálogo presente na página 127.
[10] Diálogo presente na página 127.

Os familiares denunciam o policial, mas ele é absolvido pela auditoria militar com um julgamento que demora oito anos e sendo usados apenas a versão do policial e das testemunhas que ele mesmo chamou. Não levando em consideração os relatos da mãe e da esposa da vítima. O viés investigativo torna-se peça fundamental para a apuração e a veracidade dos fatos, sem que seja necessário a ficcionalização do evento.

O repórter ainda faz um paralelo com a questão da cobertura da mídia desse caso com o “caso Rota 66” de 1975.

> O fuzilamento de Bossato despertou pouco interesse da imprensa. Enquanto no caso Rota 66 os principais jornais do Rio de Janeiro e São Paulo publicaram mais de duzentas reportagens num período de trinta dias, a história de Bossato foi divulgada apenas no pequeno jornal local, O Diário de Mogi, 3 mil exemplares de circulação (BARCELLOS, 1993, p. 128).

Em suma, o autor não explora os aspectos psicológicos do personagem, característica presente na escrita literária como falado na análise do personagem Noronha. O autor opta pela escrita direta do jornalismo, com poucos diálogos envolvendo o tenente. Nepomuceno, como personagem, assume um papel de avatar da Rota, nessa história do capítulo 10, influenciado pelo ambiente policial da época e com a certeza da impunidade de seus crimes.

4.3 Análise dos personagens no livro “Abusado”

Nessa análise serão usados dois personagens: Juliano VP, personagem principal da obra, representando o traficante real Marcinho VP, e Júlia Mandarino, mãe de um dos integrantes da quadrilha de Juliano VP.

4.3.1 Juliano VP

Juliano VP é o personagem principal do livro, com o autor passando por momentos de sua vida, antes de entrar no tráfico, com seus amigos e posteriormente, sendo chefe da quadrilha da sua comunidade. A obra retrata o auge e decadência do personagem, e concluindo com sua morte. Além, de também caracterizar outros personagens, mas sempre ligados ao círculo social de Juliano VP. O livro em um primeiro momento se assemelha a uma biografia,

porém aborda outros temas como a violência urbana e a guerra do tráfico no Rio de Janeiro da década de 1990.

Primeiramente, cabe ressaltar que Juliano VP é a representação de Marcinho VP no livro “Abusado”. Marcinho VP[11] foi um dos mais famosos traficantes do Rio de Janeiro durante a década de 1990. A favela em que virou chefe é a Santa Marta, localizada na zona Sul do Rio de Janeiro. O autor usou um artifício literário como forma de não precisar revelar nomes reais de personagens, algo que não poderia ser feito em uma matéria jornalística, já que a exatidão do personagem tem que ser priorizada.

De acordo com Todorov (1972) o personagem é construído nas reportagens e entrevistas. Portanto, Caco utilizou de técnicas ligadas ao jornalismo como entrevistas com pessoas da favela, amigos do traficante e o próprio Marcinho VP para criar Juliano VP e reconstituir histórias marcantes da favela Santa Marta. O personagem, de acordo com Lima (2004) é caracterizando como sendo uma representação do real, o autor buscou em Juliano VP retratar o traficante real.

Ainda no início do livro o autor explica os motivos das trocas de alguns nomes.

> Omiti alguns nomes para evitar intriga, perseguição ou punições judiciárias aos que me confiaram seus segredos. Usei o mesmo critério para quem vivia fora do morro, criminosos ou trabalhadores, gente honesta ou não. Optei por usar codinomes ou apelidos conhecidos dos mais íntimos como forma de contar as histórias de crimes sem precisar mutilar a verdade. Durante os quatros anos de produção do livro, muitos deles foram presos, torturados, mortos sempre de forma brutal. A experiência reforçou meu repúdio a cultura da punição perversa, contra quem já nasceu condenado a todas as formas de injustiça (BARCELLOS, 2011, p. 11).

Nove anos depois de “Rota 66”, Caco continua com sua postura contra brutalidade policial. A escolha de se posicionar na obra, com o narrador em primeira pessoa, demonstra a forma como o autor escolhe seus personagens e seus temas, dando voz àqueles que não tem e denunciando injustiças. Com o

[11] A sigla “VP” vem de uma brincadeira que Juliano fazia com seus amigos na infância. Sempre que alguém perdia em um jogo, o vencedor chamava o outro de “viado puto”. Juliano gostava de falar essas palavras e com o tempo os amigos apelidaram ele de VP, as iniciais de “viado puto”. O próprio Juliano “adotou” essas iniciais como parte de seu nome.

narrador em primeira pessoa, o repórter passa a ideia de falar diretamente com o público, algo que não poderia fazer no jornalismo convencional.

Assim como em “Rota 66”, o autor usa os inícios dos livros para fisgar o leitor por meio da ação e da desorientação. Logo no começo, há uma cena de ação no qual um grupo de Juliano VP e seus amigos estão fugindo da polícia. No meio da perseguição, o carro com Juliano VP freia para que eles possam fugir para a Santa Marta, com Juliano VP com um ferimento na cabeça.

A primeira descrição do Juliano VP é na página 20 em decorrência da fuga mal-sucedida do grupo de traficantes, porém a descrição é feita usando outro personagem, que se trata de Madá, umas das amigas de Juliano.

> Ainda tem lembranças muito vivas do moleque franzino, que tinha cabelos encaracolados, pele morena, olhos repuxados como os dos orientais, nariz e lábios grossos característicos dos negros. Para Madá, nem parece que Juliano virou um homem de 29 anos, um metro e setenta e dois de altura, que seu cavanhaque e costeleta e que continua parecendo metade negro e metade japonês. Madá não consegue separar a figura do chefe do morro daquela do menino que viu crescer, tão de perto, sobretudo nesse momento em que está fragilizado pelo ferimento na cabeça que não para de sangrar (BARCELLOS, 2011, p. 20).

A partir da descrição feita, o leitor que ainda não conhece a história do Juliano VP, passa a entender sua importância como chefe do tráfico de uma favela no Rio de Janeiro, além de entender a importância sentimental que o Juliano VP tem para a Madá.

O artifício literário de apresentação de características de personagens através de outros, é uma característica presente em toda a obra. Como informado anteriormente, sempre é apresentado um aspecto de um personagem que dialoga com o Juliano. Como no caso de sua infância e relação familiar, o repórter começou apresentando como era a infância da Luz, amiga de Juliano, que via o pai bater nos seus irmãos e em sua mãe devido ao alcoolismo, então decidiu que iria viver na rua. Em paralelo, o autor descreve como foi a infância de Juliano e que também está relacionado ao alcoolismo do pai.

Os conflitos com o pai, Romeu, nunca foram explícitos. Juliano foi educado para não reclamar e não chorar mesmo quando era surrado. O filho obedecia. Ele tinha sete anos quando o pai o agrediu com um soco no peito, tão violento que o lançou contra a geladeira, amassando a porta.

Logo após a briga, Juliano não chorou e fez um comentário para a mãe

- *Papai mostrou que é forte mesmo, hein, mãe.* [12] (BARCELLOS, 2011, p. 60).

Além do que foi narrado acima, o autor destaca outros detalhes da criação rígida que o VP e suas irmãs tiveram com seu pai.

> Desde criança era proibido brincar fora dos limites de visão dos pais que passavam o dia na birosca, um micromercado de bebidas e gêneros de primeira necessidade comprado com as economias de cinco anos de trabalho como chefe de cozinha em um restaurante em Botafogo e que funcionava no térreo do barraco de dois pavimentos. Desde que chegou do Ceará, Romeu forçava a clausura dos filhos por temer que eles sofressem influência dos malandros ou que fossem vítimas de algum ataque dos Irmãos Coragem, homens violentos, matadores, de uma família que mandava na favela no início dos anos 1970e começos dos anos 1980, os Lino (BARCELLOS, 2011, p. 60).

Com a descrição de como foi a infância de Juliano, o autor aproveitou e apresentou ao público como era o pai de Juliano, além de narrar como era a favela Santa Marta antes de Juliano VP comandar. Novamente, o modo de escrita de apresentar um aspecto do Juliano VP. Nesse caso, foi sua infância, com outro personagem, sendo esse o pai do personagem.

O jornalista destaca a infância de Juliano VP para que o público veja como ele foi criado sempre de forma rígida, gerando empatia do público. Diferentemente dos outros personagens analisados nos tópicos acima, como Noronha, sendo vítima da polícia e com isso gerando empatia pela sua morte criminosa, e Eli Nepomuceno sendo um avatar da Rota 66, onde o autor não tinha o objetivo de fazer o público “torcer” por ele. No caso de Juliano VP, a abordagem teve que ser outra, já que se trata de um traficante que já participou de muitos crimes, é necessário mostrar detalhes da vida do personagem para que o público sinta empatia e conexão. Na escrita do autor, ele faz questão de apresentar o Juliano, não como uma vítima e, tampouco, como um vilão, mas de um personagem complexo e que é preciso ler o livro para entendê-lo completamente.

O jornalista explora a complexidade do personagem com suas escolhas contraditórias para um traficante, como seus ídolos pessoais. Juliano foi muito

[12] Diálogo presente na página 60.

influenciado pelos pensamentos dos padres e do catolicismo, e também dos traficantes do morro.

> Ensinar que a união pode levar os pobres a melhoraram de vida, para Juliano, era coisa de herói, seus ídolos religiosos. Descobrir uma forma de proteção divina e ganhar muito dinheiro sem trabalhar, para Juliano, eram sabedorias de bandido (BARCELLOS, 2011, p. 73).

A religião era um fator presente não só na vida de Juliano como também na sua quadrilha e no morro.

> Juliano e Du frequentavam as capelas e adoravam ouvir histórias do catolicismo. Juliano aprendeu com os padres a venerar as gravuras, os "santinhos", as imagens em cerâmica de São Judas Tadeu, de São Benedito, Santo Expedito, Santa Terezinha Santa Gertrudes, do Arcanjo Jesus e a de Nossa Senhora Aparecida (BARCELLOS, 2011, p. 63).

Como visto acima, o repórter explora as contradições do personagem, entre o que seria um traficante estereotipado da mídia e uma pessoa real.

"Incorporou um novo equipamento a sua rotina. Era visto por toda parte com o fuzil Jovelina e o saxofone dourado pendurados no ombro, mais uma extravagância condenada por Claudinho" (BARCELLOS, 2011, p. 252). Mostrando a dualidade entre o chefe do tráfico carregando o fuzil e alguém interessado em arte, característica que será presente no personagem ao longo da obra. Calvino (1990) diz que quando um objeto aparece numa descrição de personagem, o objeto carrega um simbolismo, no caso o fuzil e o saxofone são a dualidade de Juliano VP.

Outro momento de quebra de expectativa é na sua conversa com o missionário Kevin Vargas, no qual ele foi descobrir o que o missionário queria fazer na favela.

- Aí, tu que é o tal de irmão? – perguntou Juliano ao recebê-lo na boca

- Sou eu mesmo da Jocum – respondeu Kevin Vargas.

- Que barato é esse? Parece torcida organizada de futebol...Qual é a de vocês? – perguntou Juliano.

- Jovens com uma missão, Queremos levar o evangelho para quem mais precisa de Jesus, para quem não tem motivo para ter fé na vida e que corre risco de morte, como vocês – respondeu Kevin.

Com o uso do diálogo é nítida a preocupação do Juliano em dialogar. Mesmo sem saber quem era a pessoa, Juliano estava tentando entender o que ele queria fazer com a população na favela, como falado pelo autor, um "diplomata".

> No primeiro ano de gerência na boca, além de fiador, Juliano foi uma espécie de diplomata. Dialogava com lideranças do morro, ouvia as queixas dos jovens do samba, contava longas histórias para os mais idosos, brincava de empinar pipa com as crianças, visitava as creches, rezava nas duas igrejas católicas, frequentava terreiros de umbanda, participava de algumas mesas de carteado e adorava estar disponível para atender aos diversos pedidos da comunidade, sobretudo quando eles vinham das mulheres a quem confiava com mais frequência o relógio que ele dizia ser idêntico ao do Che Guevara (BARCELLOS, 2011, p. 209).

O diálogo com o missionário continua:

- Tá manero. Vamo trocá uma ideia...o povo aí já queria te enquadrar, sabê qualê a de vocês... E aí?.... e o teu pensamento sobre drogas? – perguntou Juliano.

- Não acho que seja a única saída para quem é marginalizado como vocês. Acho que há outros caminhos.... – respondeu Kevin.

- Já sei, tu vai falar na palavra de Deus pra rapaziada rapá fora e assim, aí, tu não vai fortalecer lado nenhum.

- Mas você acha sinceramente que tráfico é a solução?

- Acho não. Mas tu que o que? Convencê essa molecada a sê pedreiro, encanador, pedreiro, lixeiro, porteiro tapete pra bacana pisá em cima? No tráfico, parceiro já dá pra tirar uma chinfra com as mina, pôr um pisante legal, tirá uma onda....

- Respeito tua posição, mas sou contra. É risco demais pra molecada. Nós temos que oferecer algo melhor, uma palavra de amizade, de fé num Criador que um dia vai trazer justiça para a Terra....[13]

[13] Todo esse diálogo está presente na página 213.

Mesmo, com Juliano discordando dos pontos de Kevin, o traficante deixou o missionário ficar na favela Santa Marta e com o tempo viraram grandes amigos Relação de confiança mostrada quando Juliano teve que ficar um tempo foragido na Argentina, o missionário era um dos únicos a saber o local em que ele estava morando.

Com isso, ressaltando características que não eram comuns na representação de um traficante na mídia. Caco, através de Juliano, mostrou como o personagem era com pessoas com pensamentos diferentes, além de demonstrar como era o pensamento de Juliano em relação ao tráfico. Juliano quer oportunidades e empregos melhores para os jovens da favela, assim os adolescentes não precisariam recorrer para o crime.

Um recurso literário que Caco utilizou para retratar exatamente as gírias e modo de falar de Juliano foi escrever palavras erradas de propósito, como se o próprio personagem estivesse escrevendo o texto. Isto serve para deixar mais crível o diálogo e dando mais personalidade ao personagem. Algo que no jornalismo convencional raramente seria usado.

Como dito pelo Juliano, o tráfico é uma das poucas oportunidades de conseguir uma boa quantidade de dinheiro na favela.

> Nada o incomodava mais na adolescência do que a falta de dinheiro, principalmente depois que, aos 16 anos, engravidou a namorada Marisa, que tinha apenas 13. Todos os amigos ganhavam mesada da família, mas ele nem uns trocados recebia. Como não havia diálogo com o pai, Juliano nunca disse claramente que havia chegado a hora de ter alguma renda. Era orgulhoso demais para pedir. Preferiu batalhar fora de casa, e não precisou ir muito longe (BARCELLOS, 2011, p. 73).

Portanto, o próprio personagem usa de exemplo na sua conversa com Kevin para falar sobre os motivos de um jovem entrar para o tráfico.

Juliano VP, como o próprio fala em diversos momentos do livro está no “lado certo da vida errada”. A parte do traficante, remete a “vida errada”, mas o seu foco é na melhoria de sua comunidade e no bem-estar da população, sempre recorrendo primeiro ao diálogo, e com isso estando no “lado certo”. Com essas características, Juliano ganha contornos de um anti-herói.

> Existem dois tipos de anti-herói: 1) o personagem que se comporta como os Heróis convencionais, mas que têm um forte toque de

> ceticismo ou uma qualidade tortuosa. 2) Heróis trágicos, figuras centrais de uma história que podem não ser agradáveis ou admiráveis e cujas ações possamos até achar hediondas (VOGLER, 2015, p. 74).

Em resumo, Juliano VP ajuda as pessoas da sua comunidade, porém com o meio em que vive, do tráfico, geralmente acontece problemas que respingam nos outros, como a morte de seus vários amigos de infância.

Em relação ao motivo da criação do livro, a ideia de um livro relacionado a criminalidade no Rio de Janeiro se deu pelo próprio Juliano falando com Caco. Na terceira parte do livro "Adeus às Armas" com o primeiro capítulo intitulado "Foragido", nesse momento do livro a narrativa fica em primeira pessoa, com o autor sendo um narrador-personagem e mostrando sua relação com Juliano VP através do artifício literário do diálogo. "Conversamos outras vezes depois da fuga, em 1997, 1998 e 1999, períodos das grandes caçadas contra ele" (BARCELLOS, 2011, p. 451).

- E, aí? Li aquele seu livro sobre os PMs lá de São Paulo, o Rota 66. Não vai escrevê sobre os crimes dos homi daqui, não? È papo sério, aí. [14]

A intenção de Juliano era falar para o Caco fazer uma versão de "Rota 66" sobre a polícia do Rio de Janeiro, e o personagem falaria sobre os policiais mantando seus amigos. Nessa terceira parte do livro, Juliano VP já está em decadência, estava foragido da polícia e o foi traído pelos seus companheiros de comando na Santa Marta.

Meses depois os dois voltaram a conversar e o personagem já tinha uma proposta de livro em mente.

- Tenho uma proposta. Quero que você escreva um livro sobre a história da minha vida.

Mostrando cada vez mais as características de Juliano gostar de arte e literatura. Caco de início foi contra ideia.

[14] Diálogo exposto na página 455.

- E o que acontece com os bandidos do Brasil quando ficam mais conhecidos? Alguns são presos e tudo bem. Mas muitos são mortos. Não quero ser instrumento de morte de ninguém.

- Que isso, cara? Tira essa palavra da boca, isso nunca vai acontecê comigo – disse ele enquanto fazia três vezes o sinal-da-cruz com as mãos.

Detalhe importante, que mesmo em uma conversa o autor ainda detalha sobre a religiosidade do personagem.

- Minha contraproposta é um livro sobre a tua quadrilha inteira. Acho que a sociedade precisa conhecer melhor a vida de vocês.

- Isso dá mais que um livro. Dá vários.

- Topo fazer um!

- Mas porque não sobre a minha avida? Tenho muito história, cara. Quero que um dia meu filho ponha na ideia que esse bagulho de tráfico é foda.

- Que idade, ele tem?

-Doze, tá na idade foda!

- Você tem medo que ele siga o exemplo do pai?

- Muito, muito. Isso não pode acontecê de jeito nenhum. [15]

Nessa passagem, VP deixa claro a sua intenção de que seu filho não entre para o mundo do crime, fazendo referencial ao momento da conversa com o missionário de que o tráfico não é a solução. O personagem muda de opinião ao perceber como foi sua vida.

Como citado anteriormente, a terceira parte do livro é feito em primeira pessoa. O autor se coloca na história, algo que só pode ser feito na literatura, já que no jornalismo convencional preza-se pelo afastamento do leitor com os personagens e acontecimentos. A linguagem preferida no jornalismo é a referencial, e, segundo as regras da objetividade deve-se evitar ao máximo o uso da 1° pessoa – artifício que nos livros-reportagens nem sempre é seguido.

[15] Todo o diálogo de Juliano com Caco Barcellos está presente nas páginas 459 e 460.

O desfecho de Juliano se deu fora das páginas dos capítulos dos livros, pois no momento que o livro estava pronto, em 2003, Juliano estava preso. Alguns meses depois teve a sua morte.

“Dois meses depois do lançamento do livro, o ciclo de violência de perversa continuava. Levei um susto quando soube da notícia em Londres, pelo telefone:

-Mataram um Marcinho VP. Pode ser o Juliano? – perguntou um amigo

- Impossível. Ele não está preso? – retruquei

- Continuava, preso, sim.

- Mas como? Tentou fugir?

- Não, foi morto pelos próprios companheiros de cadeia de Bangu.[16]

Mesmo após o término do livro, o autor escreve com o uso de diálogos a forma como descobriu sobre a morte de Juliano, usando a narração em primeira pessoa. E com isso, fez com o que o público conheça a reação do jornalista perante a notícia da morte, no qual ele em um primeiro momento não acredita.

Para finalizar o posfácio, o repórter narra sobre suas últimas conversas com o personagem e sua morte.

> Em nenhuma de nossas conversas ele se queixou de seus inimigos. Acredito também que não imaginava que os companheiros do comando vermelho, que tanto idolatrava, fossem usar a conivência do Estado, com as execuções sumárias, como arma contra ele. No período que esteve preso, 54 parceiros dele foram executados enquanto pagavam suas dívidas com a sociedade, na mesma cadeia de Bangu (BARCELLOS, 2011, 557).

O autor colocou uma última frase em destaque no livro:

“No dia 29 de julho de 2003 foi a vez de Juliano, encontrado morto dentro de uma lata de lixo, com o corpo coberto de livros que ele gostava de ler” (BARCELLOS, 2011, 557).

[16] Diálogo presente na página 555.

Barcellos usou a frase no final para gerar dramaticidade, usando da construção de cena a cena para que o leitor possa imaginar e se sentir empático com um fim de um personagem complexo. Demonstrando também que a morte foi de Juliano VP, o personagem baseado na vida de Marcinho VP, usando até o final o artifício da literatura.

Em suma, de acordo com as classificações de Coimbra (1993), Juliano VP é um personagem redondo, sendo sempre multifacetado. Também é um personagem anáfora, que sempre surpreende o leitor. Além se caracterizar como um anti-herói.

4.3.2 Júlia Mandarino

A escolha da personagem nessa pesquisa serviu para inserir uma visão de alguém que não faz parte do mundo do tráfico, porém tem ligações com ele devido ao seu filho, Rebelde, ser um dos integrantes da quadrilha de Juliano VP. Além disso, o autor busca com a personagem representar o choque de diferenças culturais de alguém que morava em um bairro de classe média e pouco tempo depois estava morando na favela.

Uma característica importante que vai ser ressaltada é que o autor sempre faz uso da história do capítulo para apresentar mais de um personagem. Como nesse capítulo “Cansei de ser otária”, na página 313, o foco é a Júlia, porém o seu filho, Rebelde, também é desenvolvido nesse capítulo.

O capítulo conta uma história fechada nele mesmo, que é a relação de Júlia com Rebelde, como eles foram morar na favela, as dificuldades de Júlia em se adaptar a essa nova vida, sua transformação ao longo do capítulo, encerrando-se com a morte de Rebelde.

A história do capítulo inicia com o Rebelde e outros cinco adolescentes indo para o apartamento que ele morava para expulsar o padrasto e levar a sua mãe para a favela. Júlia sofria violência doméstica em um casamento que já durava quinze anos, e antes disso, quando ainda era casada com o pai de Rebelde, também era agredida pelo antigo marido.

> Para Rebelde, essa violência em casa representava a repetição das cenas que o traumatizaram na infância. No primeiro casamento, Júlia também foi muito agredida pelo pai de Rebelde, Ernesto. Ele guardou na memória a briga das separações dos pais, a que assistiu quando tinha cinco anos. Lembrava-se da mãe com uma faca de cozinha na mão tentando se defender do pai. E do pai enfurecido de ciúme, cuspindo no rosto dela e a agredindo a socos, que quebraram seus dois dentes (BARCELLOS, 2011, p.313).

Rebelde sempre teve problemas para obedecer a figuras de autoridade, além de problemas na escola, na qual parou de estudar para vender droga.

> Rebelde odiava o ambiente de tensão e não sabia o que fazer para proteger a mãe. Externava a sua insatisfação nas brigas com as empregadas domésticas, companhias obrigatórias na ausência da Júlia, que passava o dia inteiro trabalhando como secretária da UFRJ. Embora a mãe exigisse o contrário, Rebelde não tinha o menor respeito pela autoridade das empregadas, que nunca tiveram controle sobre ele (BARCELLOS, 2011, p. 313)

Como é visto, o estilo de narração é com o narrador-intruso visto por Gancho (2006). O autor aponta que o comportamento do filho está ligado ao que acontecia dentro de sua casa, sendo fruto do ambiente de violência que conviveu por toda sua vida. Esse fator de desobediência é mostrado também na conduta de Rebelde no colégio. “Embora falasse para a Júlia em seguir a carreira de médico, aos 13 anos, Rebelde já havia deixado a escola, onde estudou até a sétima série, para viver nas ruas em busca do dinheiro da droga” (BARCELLOS, 2011, p. 314). Portanto, não é possível saber se o apelido de rebelde foi o Caco que inventou ou não, mas com o que foi mostrado a personalidade de desobediência contra figuras de autoridade, pode ser o motivo do apelido.

A ida para a favela se dá através no diálogo dela com o filho, logo após o Juliano assumir o controle da Santa Marta. Rebelde iria chamar sua mãe para ir pra favela com ele.

- Vó morá na favela – disse Rebelde

- Você virou bandido, é? Então rua, rua! – gritou Antônio.

Antônio tentou agredir Rebelde, porem ele tirou uma pistola e apontou para o padrasto.

- Você é que vai para a rua. Nunca mais bate na minha mãe, seu covarde – disse Rebelde.

- Não, meu filho!

- Manda esse cara embora, já! Ou eu chamo a minha turma, que ta na porta, pra carregá o cadáver dele.[17]

O padrasto foi embora e Rebelde contou para sua mãe seu envolvimento com Juliano, e a chamou para ir morar na favela com ele.

Na primeira página do capítulo o autor faz com que o público tenha conhecimento de tudo que a Júlia passou, e mostrar o porquê de Rebelde ter essa personalidade. Júlia foi uma mulher que passou vários anos de sua vida sendo vítima de violência e o seu filho assistia a tudo isso, crescendo com todos esses traumas. E com isso, resulta para gerar empatia na Júlia e no entendimento de entender o motivo por que o Rebelde ser do jeito que é.

Caco usa a personagem para retratar as condições de vida das pessoas morando na favela. “Ela nunca havia entrado numa favela antes de subir as escadarias que pareciam intermináveis e exigiam um esforço enorme para vencer os degraus com alguns com meio metro de altura” (BARCELLOS, 2011, p. 315).

Júlia, como personagem, funciona como os “olhos” para os leitores entenderem as dificuldades de pessoas que moram na favela. O espanto do personagem continuava, agora sobre o cheiro do ambiente:

- Não sei se vou aguentar esse cheiro meu filho. Tem algum esgoto vazando, não é possível.

- É assim mesmo, mãe. O esgoto corre direto no meio das casas. Com o tempo a gente acostuma.[18]

Um fator importante nesse capítulo é a diferença de percepção entre os dois, Júlia não estava gostando do ambiente, enquanto para seu filho era encarado com naturalidade, como visto no diálogo acima.

Outra característica desse uso de personagem para representar os leitores, é que o autor aproveitou também para mostrar as mazelas de uma

[17] Diálogo presente na página 315.
[18] Diálogo presente na página 316.

comunidade. “Júlia demorou a se acostumar a não ter telefone em casa e a falta de água e luz durante várias horas do dia. No início ficou impressionada sobretudo com a quantidade de ratos pelas áreas de circulação de crianças e adultos” (BARCELLOS, 2011, p. 316). Coisas que não seriam consideradas normais para a maioria, mas para quem mora na favela era visto como normal, e por isso o espanto de Júlia, assim como o dos leitores.

Além da mudança de localização e de casa, a personagem também perdeu suas antigas amizades. “Aos poucos foi percebendo as perdas das antigas amizades e da relação que tinha com os parentes. Eram moradores dos bairros de classe média e todos se afastaram dela” (BARCELLOS, 2011, p. 316). Portanto, o jornalista desconstrói tudo sobe a personagem, mudou de casa, perdeu contato com amigos e parentes e teve que mudar de emprego.

Em relação ao envolvimento de seu filho no tráfico, a personagem também mostra a preocupação, por exemplo quando ele chegou em casa com dinheiro que veio de um assalto a banco.

- Meu filho, até onde isso vai chegar?

- Mãe, não tem diferença. Se é tráfico, ou outra parada.... Tou nessa, tenho que ir fundo – explicou Rebelde. [19]

Como falado anteriormente, a personagem da Júlia vai se alterando conforme o tempo morando na favela. Meio ano morando lá, já não tinha saudades do antigo casamento, nem dos parentes e amigos, e também se demitiu do emprego que tinha numa creche.

- O que deu em você para estar revoltada, assim? – perguntou Rebelde

- Cansei de ser otária, meu filho – respondeu Júlia

- Isso é papo de bandido. Quem tá fazendo a tua cabeça?[20]

Pelo diálogo é notável a diferença para o personagem no começo do capítulo. Antes não estava gostando do ambiente da favela agora, Júlia estava

[19] Diálogo presente na página 318.
[20] Diálogo presente na página 319.

envolvida em um romance com Tá Manero, um dos chefes do tráfico de drogas Juliano, amigo de Rebelde.

- Quer dizê que você tá de caso com um bandido? – perguntou Rebelde

- Ele é um homem diferente – retrucou Júlia

- Claro, sete anos de cadeia, assalto, tráfico....

- Mas ele me trata como uma rainha, meu filho.

- Isso até a hora que te dé a primeira porrada. [21]

Através dessa conversa é possível visualizar como estão Júlia e Rebelde em relação a isso, e como a vivência de cada um reflete na notícia do relacionamento. Júlia foi agredida nos seus dois casamentos, e agora, mesmo se relacionado com um bandido foragido, a personagem acredita que ele é uma boa pessoa porque a trata bem, mesmo sendo revelado que já era casado.

Já com seu filho, ele ficou traumatizado por ver sua mãe sofrer nos outros relacionamentos e agora, com ela tendo um romance com um bandido, os traumas de Rebelde voltam com o ele ameaçando matar Tá Manero.

O motivo do autor ter feito uma introdução da vida de Júlia e do Rebelde no início do capítulo foi de grande importância para o público entender as reações dos personagens. A dinâmica desse capítulo está nas diferenças entre eles.

Outro momento em que é nítida a mudança da personagem Júlia, está na conversa dela com Juliano sobre o seu relacionamento com Tá Manero, na página 320.

- Isso é um absurdo, Júlia! Teu filho tem razão – disse Juliano.

- Mas Juliano, o namorado é meu não é dele – ponderou Júlia

- Ele é teu filho. Tem obrigação de te protegê dos bandido – disse Juliano.

- E por caso meu filho também não é bandido? – perguntou Júlia.

[21] Diálogo presente na página 320.

- Por isso mesmo! Ele sabe do perigo que a mãe dele vai corrê! Você não veio pro morrô tirá ele dessa vida?

- Agora quem quer ficar sou eu.

- Pois é, quem te viu e quem te vê.

- Nuca tive um homem assim na minha vida, Juliano.

Júlia aceita continuar com o relacionamento, mesmo com a revelação do casamento de Tá Manero. Portanto, a esse ponto da história, Júlia tinha ido para a favela fazer com que seu filho mudasse de ideia em relação ao tráfico, mas com o tempo ela já não fazia mais questão de tirar seu filho do tráfico ou de sair da favela. Como visto no diálogo com Juliano.

O desfecho da personagem na história se deu através da morte de seu filho. Os policiais invadiram o morro e sem saber exatamente onde eles estavam, Rebelde sai de casa e se depara com policiais, poucos momentos depois ele morre por ser confundido com o Juliano. Rebelde foi amarrado em um poste onde foi espanado.

- Tu é o dono aqui, seu safado. Confessa, porra! – gritou um policial.

- Avisem a minha mãe, eles estão me matando – gritou Rebelde. [22]

Após isso, Rebelde levou um tiro na nuca e depois vários trios pelas costas. A primeira cena que Júlia viu no local foram os policiais levarem o corpo de seu filho para fora do morro. Júlia continuou em Santa Marta e cuidou de dois filhos que Rebelde deixou.

O personagem marginalizado na mídia é escrito muitas vezes com estereótipos, mas Caco opta por descrever Rebelde sendo fruto da violência que o personagem tivera em casa e, com isso, vê na rua e no tráfico um meio para escapar disso. Trata-se de uma complexidade que muitas vezes a mídia não aborda.

[22] Diálogo da página 322.

> Constrói-se a ideia de que o jornalista tem como uma de suas missões denunciar problemas sociais, colocá-los em evidência, trazer à tona a realidade de pessoas com a qual os leitores de jornal de classe média não teriam contato. A atuação do jornalista no que diz respeito à situação de personagens ditos “marginalizados” é importante a este ponto: o de estabelecer uma espécie de pacto (RAMOS, 2008, p. 21).

A personagem da Júlia, mostra como é o tráfico para pessoas que não estão em contato com ele. Representa também os parentes que perdem seus filhos e filhas para a guerra ao tráfico que não tem fim. Em suma, a Júlia como personagem é complexa, sua mudança de uma pessoa que nunca foi em uma favela, que sofria violência doméstica, para alguém que gostava da vida na favela, mesmo com os seus percalços, chegando até a se relacionar com um bandido. Júlia configura-se como uma personagem anáfora, quando só pode ser compreendida ao final de sua história, passando por várias mudanças.

> Tratando de espaços não valorizados socialmente, como a periferia dos grandes centros urbanos, ou os enclaves murados em seu interior, como as prisões, os textos citados e alguns outros vêm conseguindo visibilidade na mídia, êxito perante parte importante da crítica e reconhecimento dentro do campo literário e cultural, provocando debates sobre sua legitimidade, enquanto expressão de um sujeito social até então sem voz, ou mesmo sobre a possibilidade de criação de uma nova vertente temática e estilística, correspondente à matéria que traduzem (PELLEGRINI, 2004, p. 15)

A escolha de Caco por esses personagens e temas pode ser entendida como uma forma de mostrar a maioria do público como é a realidade em uma favela, levando esse conhecimento para outro grupo de pessoas que não tinham esse entendimento. Além, de dar voz para quem não tem e narrando as injustiças sofridas por pessoas que moram em comunidades.

5. CONCLUSÃO

Com todos os tópicos e assuntos levantados ao decorrer do trabalho para o entendimento do tema, pode-se encaminhar para a etapa final. Através dos tópicos abordados, é possível responder à questão central do trabalho, que visa analisar a hipótese de que os personagens dos livros “Rota 66” (1993) e “Abusado” (2003), representariam a complexidade de questões sociais do Brasil, como violência policial, desigualdade social e a guerra urbana nas favelas. Os personagens são representações desses temas, e a pesquisa analisou a forma como o autor os representou nos livros-reportagens.

Com as análises feitas, é possível afirmar que Caco de fato expõe as mazelas da sociedade brasileira através de seus personagens. Juliano VP, pela falta de oportunidades vai para o mundo do crime, representando ainda muitos jovens de periferia. O personagem de Francisco Noronha foi vítima da violência policial, na qual não teve nenhuma punição para seus executores. O policial Nepomuceno não é abordado por seu aspecto psicológico nem sua personalidade. Diferente dos outros personagens, ele funciona apenas para ser um “avatar” da Rota, representado a violência do Estado. E, por último, Júlia, personagem que representa as pessoas que perdem familiares na guerra urbana do tráfico nas favelas.

O autor não só conta as histórias dos personagens, mas também aborda temas maiores por meio deles. As obras usadas na pesquisa demonstram contextos sociais que os envolvem e com isso abordando temas complexos do Brasil. Caco narra como os personagens foram moldados pelo ambiente e tornaram-se o reflexo dele.

Em relação aos objetivos estipulados, o trabalho mostrou as diferenças nas abordagens de cada personagem na escrita do autor, ressaltando as técnicas literárias usadas e apontando características do jornalismo convencional nas obras e na construção dos personagens. Compreendeu também a relação que a literatura tem para o jornalismo desde a sua criação, passando por autores, jornais, revistas e movimentos importantes para o gênero.

A pesquisa também teve como objetivo o aprofundamento nos livros-reportagens, principais características e classificações. Com os levantamentos obtidos, o objetivo foi cumprido, apresentando um vasto modelo de livros-reportagens, cada um com sua função e exemplos.

Os livros usados para analisar os personagens, “Rota 66” e “Abusado”, possuem outros personagens relevantes e interessantes. Então, mais pesquisas com esses livros como foco de estudo podem ensejar novos recortes e interpretações a serem feitas. Esta pesquisa apenas adentrou algumas questões da sociedade brasileira em duas obras de Caco Barcelos, por isso não foi possível analisar todos os ângulos possíveis.

Existem lacunas a serem preenchidas por pesquisas baseadas em livros-reportagens, a exemplo de pesquisas sobre outros autores e seu estilo de escrita, como Marçal Aquino e os seus textos com personagens marginais. O próprio Caco Barcellos, em seu livro “Nicarágua: A revolução das crianças” (1982), alerta que há poucos estudos sobre a temática. Indo também para jornalistas de fora do Brasil, como os do movimento do “Novo Jornalismo”, a exemplo de Tom Wolfe e Gay Tallese.

Enfim, a análise das duas obras demonstra que o autor escolhe e constrói seus personagens buscando discutir questões importantes da nossa sociedade. Os personagens representam pessoas reais que estão inseridas nesses contextos. O jornalista busca levar essas discussões, por meio dos livros-reportagens, para pessoas que vivem realidades diferentes, como aquelas que nunca entraram ou moraram em uma comunidade, ou que nunca sofreram nenhum tipo de violência policial. Desta forma, seus livros ampliam estas discussões para todo o Brasil.

6. REFERÊNCIAS:

AVIGHI, Carlos Marcos. **Euclides da Cunha jornalista**. 1987. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987. Disponível em: https://doi.org/10.11606/T.27.1987.tde-03052024-112217.

BANDEIRA DE SOUZA, M. de F., & Timóteo Queirós, F. A. (2016). **A relação entre jornalismo e literatura no livro Rota 66 - A história da polícia que mata, de Caco Barcellos.** *TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA (ISSN: 2358-212X)*, *5*(2). Recuperado de https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/766

BARCELLOS, Caco. **Abusado: O dono do morro Dona Marta**. Caco Barcellos – 22ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2011.

BARCELLOS, Caco**. Rota 66: A história da polícia que mata**. Caco Barcellos – 23ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2022.

BARCELLOS, Thais. **Machado de Assis e o jornal no século XIX**. Anais do VI Seminário dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFF Estudos de Literatura, 2015. https://anaisdosappil.uff.br/index.php/VISAPPIL-Lit/article/viewFile/334/174

BEZERRA, Thiago. **A polícia como fonte e personagem: Uma análise de A Sangue Frio e Rota 66**. Centro Universitário de Brasília, 2006. https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1492/2/20264753.pdf

BRAIT,Beth. **A personagem**. Editora Contexto, 1ª edição, 2017.

CARNEIRO, Karoline. **Radical Chic e o Novo Jornalismo: Influências literárias e reinvenção do jornalismo americano nos anos 1960.** Universidade Federal do Ceará, 2017. https://www.uece.br/eventos/jihlfeclesc/anais/trabalhos_completos/363-42428-13112017-075554.pdf

CASTRO, Gustavo. **Jornalismo Literário: uma introdução.** Academia.edu,2010. https://www.academia.edu/40828132/Gustavo_Castro_Jornalismo_Liter%C3%A1rio_uma_introdu%C3%A7%C3%A3o

COSTA, Lívia Salles. **Jornalismo literário: História e experiências contemporâneas no Brasil e no Estados Unidos**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/5212/1/LCosta.pdf

DOMINGUEZ, Juan de Moraes. **A ficção do Novo Jornalismo nos livros-reportagens de Caco Barcellos e Fernando Morais.** PUC-RS,2012. 437810.pdf (pucrs.br)

FARIA, Nídia Sofia. **Jornalismo literário: um olhar histórico para o género e suas características.** Comunicação pública, 2011. Disponível em https://journals.openedition.org/cp/210

GONÇALVES, Mariana. **O Jornalismo literário no século XIX: A imprensa entre folhetins, crônicas e leitores**. XXVII simpósio de nacional de história, 2013. https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371346244_ARQUIVO_artigoanpuh_versaofinal_.pdf

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2004.

MACIEL, Alexandre. **Narradores do contemporâneo**: Jornalistas escritores e o livro-reportagem no Brasil. Universidade Federal de Pernambuco, programa de pós-graduação em comunicação,2018. https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/29836/1/TESE%20Alexandre%20Zarate%20Maciel.pdf

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e Jornalismo: A saga dos cães perdidos**. São Paulo, Hacker Editores, 2000. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5213861/mod_resource/content/1/362420686-LIVRO-Jornalismo-a-Saga-Dos-Caes-Perdidos.pdf

MENEGUSSO, Gustavo. **Da literatura para o jornalismo e do jornalismo para a literatura: Encontros (im)possíveis**. Universidade Federal de Santa Maria, 2010). https://decom.ufsm.br/tcc/files/2010/10/gustavom.pdf

MORAIS, Emília. **Intersecções entre Antropologia e Jornalismo na revista Realidade**. Universidade Federal do Ceará, 2011. https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26207/1/2011_tcc_egmorais.pdf

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006. https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf

RAMOS, Pedro. **A interseção literatura-jornalismo e o personagem marginal na produção de Marçal de Aquino**. Centro Universitário de Brasília, 2008. https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1992/2/20463020.pdf

SILVA, Luana. **Jornalismo / literatura: fronteiras**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1731/1/LSilva.pdf

WEBBER, Laís. **A personagem no jornalismo**: Uma análise de Abusado, de Caco Barcellos. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. https://lume.ufrgs.br/handle/10183/102353

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. Companhia da Letras, 1ª edição, 2005.

VELLOSO, Luísa. **Elementos do jornalismo literário presentes na revista Piauí**. Centro Universitário de Brasília, 2013. https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/4013/1/21005680.pdf